

Qual será o próximo passo?

Pais conquista investment grade, amplia sua presença na economia mundial e reforça a necessidade de investimentos em infra-estrutura - intensificando a atuação de empresas nacionais e canadenses



A revista **Brasil-Canadá** é uma publicação bimestral da Câmara de Comércio Brasil-Canadá editada em parceria com a Editora Conteúdo Ltda.

www.ccbc.org.br/revista.asp

CONSELHO EDITORIAL

Fabio Seabra, Antônio F. C. Conde, Antônio Luiz Sampaio Carvalho, Benno Kialka, David Verbiwski, Dina Thrascher, Ely Couto, Frederico J. Straube, James Mohr-Bell, James Wygand, Jean Larcher, José Emílio Nunes Pinto, Luiz Visani, Paula Caldwell e Selma Galvão



www.ccbc.org.br

SÃO PAULO

Rua do Rocio, 220 – 12º andar – cj. 121
Vila Olímpia – São Paulo – CEP: 04552-000
Tel.: (11) 3044-4535

FILIAL RIO DE JANEIRO

Avenida Rio Branco, 143 – 18º andar
Centro – Rio de Janeiro – CEP: 20040-006
Tel.: (21) 3852-6407

COMITÊ EXECUTIVO

Fabio Seabra (Presidente), Antônio F. C. Conde, Antonio Morello, Dina Thrascher, Elidie Bifano, Ely Couto, Esther D. Bellegarde Nunes, Francisco Itzaina, Frederico J. Straube, James Wygand, Jean Larcher, Luiz Visani, Marcelo Marinho, Marcos da Cunha Ribeiro, Philippe Jeffrey e William A. Jackson

Diretor-executivo
James Mohr-Bell

CENTRO DE ARBITRAGEM E MEDIAÇÃO

Frederico J. Straube (Presidente),
José Emílio Nunes Pinto (Vice-presidente) e
Antônio Luiz Sampaio Carvalho (Secretário-geral)

FILIAL RIO DE JANEIRO

Ely Couto (Presidente) e Jacky Delmar (Adjunto)



DIRETORIA

Melissa Kechichian
José Scavone Bezerra de Meneses

REDAÇÃO

Diretora-editorial: Melissa Kechichian
melissa@conteudoeditora.com.br

Editor de fotografia: Zeca Meneses
zecameneses@conteudoeditora.com.br

Editora: Ligia Molina
ligia@conteudoeditora.com.br

Diretora de arte: Sandra Malta
sandra@conteudoeditora.com.br

Tratamento de imagens: Sant'Ana Biró

Colaboradores desta edição: (Foto) Antonio Larghi e Tatiana Cardeal, (Textos) Claudia Rondon, Daniella Turano e Rose Campos. (Revisão) Eliete Soares. (Capa) Paulo Dias.

Jornalista-responsável:
Melissa Kechichian – MTB 25.595

PUBLICIDADE

Christina Lambert
christina@conteudoeditora.com.br
Laurie Cardoso
laurie@conteudoeditora.com.br

Representação Comercial (Rio de Janeiro e Brasília)

Minas de Ideias Comunicação Integrada
Emília Rabello – emilia@minasdeideias.com.br
RJ: (21) 2558-3751 / DF: (61) 3408-4361

REDAÇÃO, PUBLICIDADE E ADMINISTRAÇÃO

Editora Conteúdo – Rua Capote Valente, 432, cj. 56
CEP: 05409-001 – Pinheiros – São Paulo
Tel. (11) 3898-0195 – Fax: (11) 3062-7319
www.conteudoeditora.com.br

A revista **Brasil-Canadá** não se responsabiliza por idéias e conceitos emitidos em artigos ou matérias assinadas que expressam o pensamento dos autores. Não é permitida a reprodução integral ou parcial de textos publicados na revista sem a autorização prévia da Editora Conteúdo.

editorial |

No caminho certo

O primeiro semestre de 2008 registra mais uma marca histórica na trajetória econômica do Brasil: a conquista do investment grade, concedido pelas agências Standard & Poor's, Fitch Ratings e pela canadense DBRS. Sob a chancela de bom pagador, o país agora reforça a confiança de investidores estrangeiros, ampliando a atuação de fundos de investimentos e de fundos de pensão internacionais em diferentes setores. Se por um lado esta conquista significa para o Brasil uma nova etapa no cenário econômico mundial, por outro intensifica a necessidade de investimentos em áreas ligadas à infraestrutura, além da reforma tributária, entre outras medidas. A reportagem de capa desta edição da revista **Brasil-Canadá** traça um paralelo entre as oportunidades e os desafios para o crescimento, sob a visão de empresas canadenses presentes no país e de especialistas econômicos. Em entrevista, Eric Siegel, presidente e CEO da Export Development Canadá (EDC), e Claudio Escobar, chefe executivo e diretor da EDC do Brasil e Cone Sul, falam sobre a importância do grau de investimento para os negócios da agência, que hoje oferece financiamentos e seguros de créditos a exportadores e investidores do Canadá interessados em expandir sua atuação mundialmente. Na seção Educação, o leitor encontrará informações sobre as parcerias entre universidades canadenses e brasileiras, revelando a internacionalização do campus como uma das principais tendências do setor. A ousadia bem-humorada dos designers canadenses é destaque da seção Tendências, que comprova os motivos que tornaram o Canadá sinônimo de criatividade.

Conselho Editorial



PAULO DIAS

14 Matéria de Capa

Conquista do investment grade revela novas oportunidades e desafios para o crescimento do Brasil, impulsionando investimentos nacionais e estrangeiros



FOTOS: DIVULGAÇÃO

26

Pesca em Quebec



44

Obra de Matthew Kroeker



38

Universidade no Canadá

26 Turismo

A diversidade de rios e lagos do Canadá convida turistas a praticarem a pesca esportiva

32 Entrevista

Cineasta canadense fala sobre o sucesso do projeto de integração social *Wapinoki Mobile*

38 Educação

Parcerias entre universidades do Brasil e do Canadá motivam formação superior no exterior

44 Tendência

Design reforça a originalidade canadense na criação de móveis e de objetos irreverentes

Roteiro de bicicleta

Em seu último livro – *A Sociedade Americana* –, a *National Geographic* selecionou os 500 melhores passeios do mundo, com destaque para a Rota Verde, via de cicloturismo que atravessa a província de Quebec. A estrada conquistou a primeira posição na lista das dez melhores vias do planeta por unir boa extensão, diversidade, paisagens e qualidade na sinalização. Inaugurada em 2007, a Rota Verde é o maior itinerário de cicloturismo da América do Norte, com 4 mil quilômetros de extensão. Ainda em fase de construção, disponibilizará até 2011 mais 336 quilômetros de estrada para os ciclistas.



Ciclovias no Canadá: destaque entre os destinos turísticos do país



Operação em conjunto

Em acordo assinado em junho, a TAM e a Air Canada passam a compartilhar, dentro de quatro meses, vôos e programas de milhagem. Enquanto a TAM disponibiliza sua rede de vendas para a oferta de passagens de São Paulo a Toronto, os clientes da Air Canada poderão viajar para o Rio de Janeiro, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília em aviões da TAM, que – em um segundo momento – pretende estender o acordo para outras regiões canadenses, como Vancouver e Montreal. Hoje, o fluxo de passageiros entre Brasil e Canadá é de 73 mil pessoas/ano. A meta é elevar este número em 20 mil passageiros/ano.

Produção em dobro

Os pneus produzidos na fábrica da Continental em Camaçari, na Bahia, abastecem atualmente os mercados dos Estados Unidos, do Canadá, do México e de países da América do Sul. O aumento da demanda observado nos últimos tempos motivou o investimento de 14,4 milhões de euros na ampliação da subsidiária brasileira. O objetivo da empresa – cuja matriz fica na Alemanha – é o de dobrar o volume de unidades produzidas em 2007, atingindo a marca de cinco milhões de pneus fabricados no estado, incluindo itens de passeio e de carga.

Sabor variado

Especializada em alimentos congelados, a canadense McCain amplia sua atuação no mercado nacional com o lançamento das pizzas congeladas McCain-Sibarita nos sabores: mussarela, quatro queijos, presunto com pimentão, *pepperoni* com mussarela, mussarela com vegetais, vegetais light, *fugazetta* (mussarela e cebolas) e mussarela com presunto. Encontrado a princípio na Região Sul e em São Paulo, o produto, em breve, será comercializado em todo o Brasil. “Pre vemos um volume de vendas de em torno de 200 toneladas no fim do primeiro ano de comercialização, com forte tendência de crescimento após este período”, explica Alessandra Fonseca, gerente de produto varejo da McCain.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Onde está Wally?

Durante os anos de 1980 e 1990, o personagem Wally – da série de livros *Onde está Wally?* – conquistava o mundo com sua inconfundível camisa listrada, bengala, gorro e óculos. Conhecido fora do Brasil como Waldo, o simpático viajante hoje decora o topo de um prédio em Vancouver e pode ser visto pelo *Google Earth*. Encontrar esse edifício, no entanto, faz parte do desafio lançado pela artista canadense Melanie Coles, que teve a idéia para seu projeto de graduação em Arte e Design. Depois de pintar Wally em um pedaço de vinil com mais de 16 metros de extensão, Melanie colocou-o no prédio com o objetivo de motivar as pessoas a explorar os recursos do programa. A repercussão foi tão grande que em um único dia a artista contabilizou mais de 10 mil visitas em seu blog. “Esse número é bem maior do que a quantidade de pessoas que moram em minha cidade!”, considera. Todas as informações sobre o projeto estão disponíveis no site: www.wheronearthiswaldo.com



Desafio é encontrar o famoso personagem no *Google Earth*

Bomba de carbono

O corte ilegal de árvores nas florestas boreais canadenses – que correspondem a 53% da superfície total do país – pode criar uma verdadeira “bomba de dióxido de carbono”, com a emissão de até 186 bilhões de toneladas do gás. A informação, divulgada pelo Greenpeace, indica que esta quantidade é 27 vezes superior às emissões mundiais de CO₂ a cada ano pela queima de combustíveis fósseis, ficando armazenada em árvores e, principalmente, no solo das florestas. “Quando a cobertura florestal é retirada, o solo se deteriora e emite dióxido de carbono adicional durante meses, anos e até mesmo décadas”, explica Elizabeth Nelson, pesquisadora da Universidade de Toronto e co-autora do relatório. Todos os anos, mais de 9 mil quilômetros quadrados de floresta boreal são cortados pelas madeireiras, liberando cerca de 36 milhões de toneladas de dióxido de carbono.



Floresta boreal do Canadá: corte de árvores geram milhões de toneladas de CO₂



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Curso de BlackBerry

Especializada no desenvolvimento de softwares para portais corporativos e mobilidade – incluindo aplicações para BlackBerry –, a Navita Tecnologia também oferece o treinamento *Introdução à Administração e Suporte do BlackBerry Enterprise Server (BES)*, específico para administradores BES. Com um dia de duração, o curso aborda: a visão geral da ferramenta, as operações básicas de administração da solução e a resolução de problemas mais comuns do dia-a-dia (*troubleshooting*). Para participar, no entanto, é necessário ter uma vivência de mais de 30 dias com a tecnologia, conhecimento básico em Exchange, Lotus Domino ou GroupWise e estar familiarizado com a terminologia do sistema. Informações mais detalhadas sobre o treinamento encontram-se no site www.navita.com.br.



FOTOLIA

Números positivos

O primeiro trimestre de 2008 foi sinônimo de lucro para a Nortel, que alcançou um faturamento total de US\$ 2,76 bilhões. O montante representa um crescimento de 11,1% na receita em relação ao mesmo período do ano fiscal anterior, quando a companhia faturou US\$ 2,42 bilhões. “A empresa se mantém focada na busca por novos negócios e em obter as metas estabelecidas. No Brasil, estamos investindo na expansão de parceiros locais e fortalecendo nossa atuação para o segmento de pequenas e médias empresas”, explica Juan Chico, presidente da Nortel Brasil. No início de 2008, a Nortel conquistou importantes clientes mundiais, como a CTM, em Macau; Intercontinental, nos Estados Unidos; e RMIT University, na Austrália, além de projetos em 4G – para levar banda larga para a região rural da Flórida e do Arizona – e contratos com a BSNL, na Índia, e a US Cellular. No Brasil, a companhia realizou parcerias com operadoras como GVT, Intelig e Telefônica.

Proteção de marcas

Líder no desenvolvimento de sistemas de proteção on-line, a empresa canadense Brand Protect acaba de lançar no Brasil a solução BD-BrandProtect, que visa assegurar marcas, nomes institucionais, domínios registrados, logotipos e dados da área financeira. “Um dos recursos disponíveis é o *antiphishing*, que combate fraudes via e-mail, evitando o acesso a dados de clientes de instituições financeiras e de organizações de e-commerce, por exemplo”, explica Dave Greenwood, presidente da Brand Protect. Representado no país pela Open Systems & Technologies (OS&T), o BD já foi adotado por empresas da América do Norte e Europa, como Coca-Cola, Wells Fargo Bank e HBO, entre outras. Mais informações sobre a solução estão disponíveis no site: www.ost.com.br

Tesouro marítimo

A Bowie Seamount – montanha vulcânica submarina localizada na costa oeste canadense – foi recentemente incluída na lista de áreas marítimas protegidas do país. “O local é um oásis oceânico no mar profundo, pouco comum e ecologicamente rico. Estamos orgulhosos em realizar ações que assegurem a sua proteção”, diz Gary Lunn, ministro de Recursos Naturais do Canadá. Situada a 180 quilômetros a oeste de Haida Gwaii, Bowie Seamount é a sétima área marítima protegida pelo país nos últimos anos. Cientistas acreditam que a região de 6.131 quilômetros quadrados formou-se há menos de um milhão de anos e, provavelmente, o vulcão esteve ativo durante a última Era do Gelo.



FOTOLIA

Alternativa viável

Em recente expedição ao Ártico, militares canadenses descobriram grandes rachaduras no gelo distribuídas em uma área de 16 quilômetros. Além de reforçar a preocupação dos cientistas com os efeitos do aquecimento global, o derretimento das geleiras revela o surgimento de novas rotas marítimas no Pólo Norte capazes de derrubar os custos de logística. Uma delas é a Passagem Nordeste (sobre o Canadá), que sob condições climáticas normais permitia o tráfego marítimo por, no máximo, dois meses. Hoje, o transporte pode ser feito por até cinco meses. Segundo Danilo Ramos, gerente de projetos da CMA CGM, a alternativa de rotas mais curtas do que as oferecidas pelos Canais do Panamá e de Suez e a criação de portos de águas profundas para a exploração de poços de petróleo são oportunidades encontradas nas passagens do Ártico. “Esse fato torna-se uma questão estratégica para o Canadá, a Rússia, os Estados Unidos e a União Européia”, considera.

Novos associados

Pessoa Jurídica

Aura Gold Mineração;
B Triple C; Unipac Embalagens;
PGT - Petroleum G. Technology;
Kluane Sondagem e Perfuração;
Golder Associates Brasil
Consultoria e Projetos;
MMX Mineração e Metálicos;
OGX Petróleo e Gás;
LLX Logística; MPX Energia.

Pessoa Física

Luiz Carlos S. Vieira;
Marcello Jose Mattoso d Avilla;
Paola Livia Croso; Luiz Guilherme
de Medeiros Ferreira



PINHEIRONETO ADVOGADOS

EMPRESARIAL

- Aeronáutico / Marítimo
- Empréstimos /
Securitização / Derivativos
- Energia / Petróleo /
Mineração
- Esportes e Entretenimento
- Financiamento de Projetos
- Fusões e Aquisições
- Imobiliário
- Societário e Mercado
de Capitais
- Telecomunicações

CONTENCIOSO

- Ambiental / Biotecnologia
- Antitruste /
Penal Econômico
- Contencioso Judicial Civil
- Defesa Comercial
- Família / Sucessões
- Propriedade Intelectual /
Direitos Autorais
- Recuperação de Empresas
- Relações de Consumo
- Tribunais Administrativos,
Arbitrais e Judiciais

TRIBUTÁRIO

- Consultoria Tributária /
Previdenciária
- Contencioso Tributário /
Previdenciário /
Administrativo / Judicial
- Planejamento Tributário
- Comércio Exterior Mercosul /
Alca / OMC
- Consultoria Aduaneira
- Recuperação de Tributos
- Compensações Tributárias /
Previdenciárias
- Regimes Especiais /
Consultas

TRABALHISTA

- Consultoria Trabalhista
- Contencioso
Administrativo / Judicial
- Negociações Coletivas
- Previdência Privada -
Regulatório, Consultoria
e Contencioso
Administrativo e Judicial
- Previdência Social -
Consultoria, Contencioso
Administrativo e Judicial

Conquista internacional

O escritório de advocacia Machado, Meyer, Sendacz e Opice conquistou recentemente o prêmio *National Law Firm Of The Year Award 2008*, concedido pela revista inglesa *International Financial Law Review (IFLR)* aos principais escritórios da Argentina, do Canadá, do Chile, do México, dos Estados Unidos, da América Central e de países da Europa e da Ásia. O escritório foi o único do Brasil a receber este reconhecimento em duas oportunidades – a primeira em 2006, ocasião em que foi premiado pela revista norte-americana *Global Finance* como *Best Legal Advisor in Latin America*. A *IFLR*, que premia anualmente os melhores bancos de investimentos, bancas de advocacia e negócios realizados ao redor do mundo, utiliza como critérios de avaliação a performance na prestação dos serviços, a inovação e a capacidade estrutural das organizações. Representada pelo Machado, Meyer, Sendacz e Opice, a América Latina foi a única região a ter uma banca de origem não-inglesa ou americana como vencedora.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Situação de risco

As mudanças climáticas colocam os ursos polares do Canadá em risco, mas não em ameaça de extinção iminente, segundo a avaliação de especialistas. O documento – encomendado pelo governo canadense – destaca a necessidade de se desenvolver um plano de proteção da espécie, que hoje corresponde a quase 15 mil animais. A situação dos ursos polares tem preocupado os ambientalistas em razão da caça e do derretimento da camada de gelo do Ártico. Mesmo considerando o problema, a avaliação concluiu que a espécie não está diminuindo em ritmo rápido o suficiente para que seja classificada como de “alto risco”. Com base nisso, o ministro do Meio Ambiente do Canadá, John Baird, deverá agora combater as ameaças à sobrevivência do animal.

Presença ampliada

A Kraft Advogados Associados, de Belo Horizonte, acaba de se unir ao escritório Albino Advogados Associados, de São Paulo, ampliando sua atuação nacional e internacional. Fundado em 1990, o Albino Advogados Associados conta, atualmente, com cerca de cem advogados, presentes em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, no Recife e em Brasília. Além da fusão com a Kraft Advogados Associados, o escritório tem planos de expandir sua presença em território brasileiro ainda em 2008.



FOTOLIA

Biblioteca virtual

Atuando em práticas de gerenciamento de TI, a Pink Elephant lançou uma nova versão do serviço on-line Pink Atlas – banco de dados para a área de governança que detém a maior biblioteca ITIL privada. Com mais conteúdo, o recurso visa suprir as necessidades de orientação, documentação e/ou modelos de melhores práticas e governança de TI. Entre as novidades, o Pink Atlas também oferece a versão atualizada dos livros *ITIL (V3)* e *Service Management: An Introduction e Implementing Service and Support Management Processes*, de Van Haren, além dos materiais de treinamentos ministrados pela Pink Elephant. Para estimular o contato entre profissionais da área, o serviço conta com um fórum de discussão. Outras informações sobre o Pink Atlas estão disponíveis no site www.pinkelephant.com.

Envie suas sugestões e críticas sobre a revista **Brasil-Canadá**:

Tel.: (11) 3898-0195 – Fax: (11) 3062-7319 – e-mail: ligia@conteudoeditora.com.br

Cartas: Rua Capote Valente, 432, cj. 56 – Pinheiros – CEP: 05409-001 – São Paulo (SP)



FOTOLIA

Rumo a Vancouver

A programação para férias de julho voltada para adolescentes de 14 a 17 anos da Intercâmbio & Cia destaca a cidade de Vancouver entre as opções de destino. O pacote inclui um curso de inglês, com duração de três semanas, na Simon Fraser University (www.sfu.com.br). Além da acomodação em residência estudantil na própria universidade, o programa dá direito a todas as refeições, material didático, atividades diárias e a três excursões semanais. Ele também inclui assistência médica internacional, transfer in/out, supervisão de staff especializado, camiseta e suporte no embarque. Informações: www.intercambioecia.com.br

Expansão nacional

Parceiras em países da Ásia e do Leste Europeu, a canadense Celestica e a americana EMC unem forças no Brasil para dar início à produção de equipamentos usados em armazenamento de dados – linha Clariion – e à construção de um centro de pesquisas e desenvolvimento. Composta atualmente por 400 funcionários, a Celestica – que já fabrica equipamentos para empresas como Palm, HTC e Kennex – agora pretende expandir o número de colaboradores em sua unidade em Campinas (SP).

Segurança garantida

Utilizado no monitoramento de crianças e idosos, como recurso anti-sequestro, em segurança pessoal, entre outros, o S-911 – sistema GPS produzido pela canadense Laipac Technology – agora é comercializado no Brasil pela Hisco Latin América. Com tamanho equivalente a um aparelho celular, o equipamento permite localização por meio de mapas, pode ser usado como telefone de emergências e contém um “botão de pânico”, que aciona automaticamente a central de segurança. Outras informações podem ser encontradas no site: www.hisco.com.br



**LEASING
CITROËN**



Inovando para você!!!



23 dias à partir de
780€

*Preço válido para o modelo C3 - 1.4i Puret diem Sur - Gasolina - Outros modelos consulte os valores.
**Linha C3 e C3 BREAK foram divulgados para nova versão, uma retirada a partir de 01/06/2008.

Consulte nosso programa
FLY AND DRIVE
(Carro + Passagem Aérea
e Seguro viagem)



CONSULTE OS CENTROS DE
RETIRADA E DEVOUÇÃO NA EUROPA

TTtours
Viagens e Turismo

**OPERADORA DE TURISMO
T.T. TOURS LTDA.**

Av. Mofarrej, 1024 - Vl. Leopoldina
05311-000 - São Paulo - SP

Tel. 55 11 3839-6244

Fax. 55 11 3839-6233

atendimento@tttours.com.br

ACESSE O NOSSO SITE
www.tttours.com.br
E VEJA A TABELA COMPLETA DO
LEASING CITROËN TT

A realidade agora é outra

Investment grade representa uma nova etapa para a economia do Brasil e reforça a necessidade de superar desafios, como os relacionados à infra-estrutura

Daniella Turano

Era uma vez um país onde a inflação reinava e a dívida externa assombrava. Nele, conquistar um crescimento econômico de cerca de 5% ao ano, com reservas de US\$ 195 bilhões, um investimento estrangeiro (IED) de US\$ 34,6 bilhões (em 2007) e o investment grade, era um sonho distante. Ninguém imaginava que seriam necessários 15 anos – depois da implantação do Plano Real, em 1993, entre outras medidas – para que esta realidade começasse a ganhar outra forma. Depois de uma sucessão de fatores positivos – como o aquecimento de vários setores e o crescimento recorde de IEDs –, em 2008 as agências de classificação de risco Standard & Poor's (S&P), Fitch Ratings e a canadense DBRS, sucessivamente, concederam o grau de investimento ao Brasil, o que corresponde a uma nova etapa de conquistas e de desafios para a economia nacional. “O Real foi o primeiro plano econômico direcionado ao combate da inflação no país, e, desde então, tem exercido um papel importante na trajetória econômica, gerando efeitos até hoje. Posso dizer que o investidor tem medo do risco desconhecido, aquele que não pode prever”, esclarece Regina Nunes, presidente da agência de classificação de rating Standard & Poor's (S&P) no país.

O Brasil é a 14ª economia a ter seus créditos soberanos elevados para grau de investimento, segundo a S&P. O título não significa que o país está livre de riscos, mas está menos vulnerável aos movimentos que independem de sua própria política, além de ter uma situação menos volátil para correlações, como taxas cambiais ou de juros. Em resumo, diminuem as possibilidades de ser afetado por uma crise global. “Os movimentos internacionais continuam afetando a Bolsa de Valores, mas a perspectiva econômica não se altera mais com a mesma rapidez de antigamente”, afirma Regina, ao destacar como exemplos de vulnerabilidade os reflexos ocasionados pela crise asiática, em 1997, e da Rússia, em 1998.

Para elevar a nota de rating do Brasil em moeda estrangeira, no longo prazo, de BB+ para BBB- e de moeda local, de B para A-3, a S&P considerou: a estabilidade das taxas de inflação e o perfil da dívida pública interna, que se encontra em equilíbrio com o dos demais países que já obtiveram grau de investimento, sem descartar pontos de fragilidade, como o endividamento líquido da máquina pública, a alta rigidez do orçamento e os impedimentos estruturais que mantêm o investimento e o

crescimento inferiores aos de outras economias emergentes.

Menos de um mês após o anúncio da S&P, a agência canadense DBRS elevou a nota de rating soberano do país de BB para BBB, já classificada como nível grau de investimento. Com sede em Toronto, a DBRS levou em conta a melhora tanto no tamanho quanto na estrutura da dívida pública, incluindo a recente posição do país de credor externo líquido, situação em que as reservas cambiais somadas aos créditos privados no exterior superam o valor da dívida externa pública e privada. “A tendência estável sinaliza expectativas de que o governo manterá uma política macroeconômica prudente, mesmo depois das eleições de outubro e das eleições presidenciais de 2010”, diz Fergus McCormick, analista do Brasil da DBRS.

Na mesma semana, outra agência de classificação de risco – a Fitch Ratings – anunciava a elevação da sua nota de BB+ para BBB-, com a ressalva em comunicado: “Os ratings brasileiros continuam limitados pela fraqueza estrutural das finanças públicas, pela alta dívida pública, pela desfavorável estrutura da dívida interna e pelo ritmo glacial das reformas estruturais”.

Na esteira das agências internacionais, a brasileira Austin Rating elevou, no final de maio, o rating de longo

Orçamento bilionário

O Programa de Aceleração de Investimentos (PAC) prevê investimentos de R\$ 503,9 bilhões, no período de 2007 a 2010, sendo R\$ 67,8 bilhões referentes ao orçamento do governo federal e R\$ 436,1 bilhões provenientes das empresas estatais federais e do setor privado. Em 2007, o governo disponibilizou

16,6 bilhões de reais

para investimentos em infra-estrutura em três grandes áreas:

Logística 9,2 bilhões de reais

Energia 80 milhões de reais

Social 7,3 bilhões

Fonte: UOL

prazo do Brasil, em escala global, de BB para BB+ em moeda estrangeira, enquanto em moeda local o resultado permanece inalterado, em BB+. Com a mudança, o país deixou de ser classificado como grau especulativo, gerando expectativa de investimentos em longo prazo. “É necessário destacar que o grau de investimento não é uma garantia de maior investimento no setor produtivo ou de aumento de empregos”, afirma o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini.

Para o executivo, o Brasil ainda precisa superar muitas etapas antes de obter o estágio econômico pleno. Uma delas é a de realizar ajustes no endividamento público visando à redução dos gastos correntes, além de explorar melhor os recursos públicos, elevando o nível de eficiência e de qualidade dos serviços prestados à sociedade. “É preciso desburocratizar a economia e reduzir a carga tributária. O objetivo é o de gerar um ambiente econômico-financeiro menos hostil ao investidor, desonerar a produção, qualificar a mão-de-obra e avançar nos investimentos em saúde e em saneamento. Mas importantes passos já foram dados, como o controle da inflação, que sempre foi o ‘calcanhar-de-Aquiles’ da economia brasileira”, acrescenta.

Comparado ao potencial de crescimento dos emergentes Rússia, Índia e China, o Brasil, de acordo com Agostini, conta com a vantagem de ser um grande produtor de *commodities* agrícolas e o principal produtor de energias renováveis e limpas, como o etanol, fato que lhe confere um diferencial importante no processo de créditos de carbono.

Alexandre Calmon, advogado especialista em fusões e aquisições, Mineração, Petróleo e Gás, e Letícia Andrade, advogada especialista em Bancário e Financeiro, contratos, fusões e aquisições e sócio, da Veirano



TIPS IMAGE

Advogados, acreditam que a economia quase unificada do Brasil facilita a entrada e a permanência de empresas estrangeiras. A obtenção do investment grade trará novos investidores, inclusive do Canadá, que detém uma considerável quantidade de recursos: “É um processo cujos resultados aparecerão em aproximadamente seis meses. A empolgação inicial é válida, mas se deve ter cautela. Mesmo certificado, o Brasil deve agora buscar notas maiores”, afirma Calmon. Letícia, por sua vez, explica que a superação de cada etapa gera uma nova conquista. “Cada item apresenta um grau de importância e de superação, que vai desde risco político, endividamento externo, estabilidade monetária, dívidas e flexibilidade fiscal até perspectivas de crescimento”.

O aumento dos investimentos, especialmente pelos fundos de pensão internacionais, por sinal, é um dos pontos levantados por Regina Nunes como vantagens na conquista do investment grade. O benefício reforça a atuação do Ontario Teachers’ Pension Plan (OTPP)

– maior fundo de pensão do Canadá, que investe em mercados com o intuito de assegurar a aposentadoria de 300 mil professores ativos e aposentados de Ontário –, no Brasil, que hoje representa a maior parte dos 10% do total de verbas

distribuídas em mercados emergentes. “Começamos a investir no Brasil há alguns anos, muito antes da conquista do grau de investimento”, diz Carol Dunsmore, manager investment communications do OTPP.

A visão positiva do OTPP tem base na evolução, desenvolvimento macroeconômico e economia estável do país, com viabilidade de bons grupos gerenciais e associações de longo prazo. Sua relação com o país começou em 2006 com a visita de investidores canadenses interessados em conhecer mais “o local com grandes oportunidades de parcerias”. Na ocasião, foram apresentados a Eike Batista, do EBX Group, com quem firmaram o primeiro negócio. “O valor do nosso investimento aberto ao Brasil foi de mais de 1,3 bilhão de dólares canadenses. Consideramos o país o mais atrativo dos emergentes”, informa a executiva.

Apoio financeiro – Outra empresa que hoje conta com os recursos do OTPP é a Multiplan, que no primeiro trimestre de 2008 dedicou R\$ 150 milhões ao desenvolvimento de quatro novos shoppings, sete expansões no atual portfólio de 13 empreendimentos e aquisição de terrenos. “Nosso lucro líquido ajustado no período cresceu 31%, alcançando R\$ 50 milhões. No final de março, acumulamos um resultado de exercícios futuros de R\$110 milhões”, diz José Isaac Peres, presidente da Multiplan, acrescentando que a melhor palavra para traduzir a política da empresa em 2008 é investimento.



ANTONIO LARGHI

Ana Flavia, da Craft: “Falta de investimentos impede o crescimento total do país”

Alinhado a este conceito, o OTPP reforça sua meta: investir em longo prazo e gerar retorno para os professores de Ontário pelas próximas décadas. “Encontramos no Brasil excelentes parceiros a quem estamos fornecendo apoio financeiro na construção de empresas de classe mundial. O investment grade nos dá suporte para a manutenção de nossos negócios no país”, afirma Carol Dunsmore.

Além da conquista do grau de investimento, o Brasil registra uma sucessão de resultados positivos em diversos segmentos da indústria. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que a produção industrial cresceu 10,1% em abril, em relação ao mesmo mês do ano passado – o maior percentual obtido desde outubro de 2007, quando o aumento foi de 10,5%. O setor automobilístico, que em 2007 bateu recorde ao vender 2,462 milhões de carros (incluindo os importados) e alcançou um aumento de 72% sobre o 1,428 milhão registrado em 2003, foi o que mais contribuiu para o aumento da produção industrial, com expansão de 28% entre abril do ano passado e abril deste ano.

Os números comprovam os investimentos das montadoras, como a Volkswagen do Brasil, que obteve, em 2007, o maior volume de produção dos últimos dez anos, totalizando 796.961 unidades de automóveis e de veículos comerciais leves. A empresa também comemora o aumento de 31,3% nas vendas no mercado interno sobre 2006. Foram 537.975 unidades comercializadas, elevando



a participação da marca de 22,4% no ano anterior para 23,3% nos segmentos de carros de passeio e de veículos comerciais leves. Em 2008, a expectativa de crescimento no país acompanha os índices divulgados pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que indicam que as vendas de veículos deverão crescer aproximadamente 17,5%, enquanto o volume de produção deve aumentar em 8,9%.

Com planos de lançar, ainda no segundo semestre, no mercado nacional o Edge – um crossover produzido no Canadá –, a Ford hoje investe R\$ 600 milhões no complexo industrial de Taubaté para a produção de uma nova família de motores. O recurso ampliará a capacidade produtiva da unidade, que deverá passar de 280 mil para 500 mil unidades por ano. “Esse programa reafirma o compromisso da empresa com o processo de crescimento da economia brasileira e confirma o acerto de sua estratégia regional para a América Latina”, afirma Marcos Oliveira, presidente da Ford Brasil e Mercosul.

Mesmo sem pertencer à indústria, a construção civil foi um dos setores que, em 2007, saiu do patamar de desacreditado para o de um dos principais do país. Um levantamento recente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) coloca a construção residencial

Brasil é a 14ª economia a ter seus créditos soberanos elevados para grau de investimento

na posição de grande investidor do país entre 2008 e 2011 por realizar um investimento de R\$ 535 bilhões, o que representa 44,1% do total de R\$ 1,2 trilhão que todos os setores juntos aplicarão na ampliação de suas atividades.

Entre os emergentes, somente a China recebeu mais investimentos estrangeiros em imóveis, no ano passado, do que o Brasil, que obteve R\$ 14 bilhões, segundo dados da consultoria Cushman & Wakefield Global Real Estate Solutions. O volume de recursos alcançou um aumento de 143% em 2007, em relação a 2006. A Royal do Brasil Technologies acompanha os impactos deste crescimento, com a introdução de tecnologias Royal nas áreas de construção, esquadrias, transporte e infra-estrutura.

“Acredito que este seja um momento especial para o Brasil, pois há uma demanda importante de soluções em infra-estrutura. As empresas envolvidas na execução dos projetos estão em busca de tecnologias que acelerem os processos com qualidade e mais segurança”, afirma Carlos Eduardo Torres, diretor-geral da Royal do Brasil.

Em imóveis corporativos, a forte demanda em São Paulo – registrada em 2007 – deverá crescer ainda mais nos próximos cinco anos, com operações de compra e venda acima dos R\$ 4 bilhões até 2012, segundo previsões do setor. A aposta é a de que os recursos investidos neste segmento alcancem R\$ 1,5 bilhão em 2008, com a entrega de aproximadamente 396 mil m² de área construída, superando em 50% o que já foi concluído nos últimos sete anos.

“O mercado imobiliário brasileiro reagiu às mudanças econômicas ocorridas após as crises da Argentina e da Rússia e aos atentados de 11 de setembro recebendo grandes

investimentos, e transformou-se, em pouco tempo, em um dos principais segmentos da economia. Nesse sentido, temos atuado de forma expressiva, norteando as decisões imobiliárias da indústria”, explica André Strumpf, office and retail manager da Colliers no Brasil. A tendência para 2009 e 2010, respectivamente, é a de que o mercado mantenha-se aquecido, com estoque futuro em construção de 188 mil m² e de 192 mil m² e projetos de 492 mil m², segundo pesquisa da Colliers sobre o setor imobiliário corporativo em São Paulo.

Sinais de maturidade – Se por um lado o Brasil dá sinais de maturidade econômica, por outro suas conquistas reforçam a necessidade urgente de investimentos em infra-estrutura e da reforma tributária, por exemplo. “Cada avanço econômico alcançado oferece oportunidades múltiplas aos investidores. Por isso, é preciso que o governo dê continuidade aos seus planos de desenvolvimento e realize as reformas necessárias”, diz Leonardo Sapienza, economista-chefe do Banco Votorantim, ao avaliar que as questões microeconômicas de infra-estrutura devem ser consideradas como pontos relevantes no ambiente de negócios. “Transportar soja do interior de Mato Grosso para o Porto de Paranaguá, por exemplo, é um problema crítico. Falta de agilidade, rodovias em péssimas condições e outros fatores correspondem ao chamado custo Brasil, um caminho a ser percorrido para se alcançar novas posições. Além disso, a reforma tributária e previdenciária contribuiriam para que o grau de classificação se elevasse ainda mais”, conclui.

A falta de investimentos em infra-estrutura, na opinião de Regina Nunes, presidente da S&P, é o principal freio imposto ao desenvolvimento da economia brasileira. “O investment grade nos mostra como é lidar com recursos limitados em necessidades ilimitadas”, afirma.

O ritmo das obras previstas pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), no entanto, permanece praticamente estagnado no que se refere à atuação do governo. Dados dos primeiros cinco meses de 2008 (até 28 de maio) indicam que, do orçamento de R\$ 15,7 bilhões autorizado para este ano, somente R\$ 116 milhões (0,74%) foram desembolsados. Deonísio Petry, diretor da empresa de logística Figwal, acredita que, para que seja economicamente viável, a operação de navios de longo curso e de grande porte, por exemplo, só deveria ocorrer nos principais portos e estes precisariam ser funcionais e capacitados. “O PAC é uma



Somente 88 obras das 2,12 mil listadas pelo PAC em 2007 foram concluídas até o momento

GLÓRIO IMAGENS



Torres, da Royal do Brasil: forte demanda em infra-estrutura amplia a participação da empresa no país

Produção acelerada

Evolução das vendas de automóveis no Brasil, nos últimos dez anos (em milhões de unidades)



Fonte: Anfavea



DIVULGAÇÃO

boa idéia, porém seus resultados práticos são tímidos. Os investimentos de grande porte precisam ser colocados em prática para diminuir o complicado trânsito da cidade de São Paulo, por exemplo. O Rodoanel deveria ter sido feito há mais de quinze anos”, completa Petry, ao citar prejuízos de 35% na operação da Figwal no país em decorrência dos problemas em infra-estrutura.

Situação semelhante é parte da realidade da Craft Multimodal, única empresa brasileira que oferece serviço marítimo ao Canadá em carga consolidada. “O volume de carga do Brasil para o Canadá mantém um ritmo de crescimento, que, segundo as estatísticas, corresponde a 10% ao ano. Existem alguns outros mercados que estão estagnados e ainda há os que estão mais aquecidos, como a Ásia”, informa Ana Flavia Descrove, gerente de LCL exportação da Craft Multimodal, ao destacar que o setor implementa um novo sistema de documentação para todos os embarques realizados no Brasil. “Essa é apenas uma medida simbólica. A falta de recursos não nos permite ser mais desenvolvidos em transporte internacional”, analisa.

Tráfego de veículos – Enquanto o PAC permanece na dependência do orçamento federal, o setor privado tem transformado os problemas de infra-estrutura em oportunidades. Líder mundial na produção de equipamentos ferroviários e fornecimento de serviços para o segmento, a Bombardier Transportation, de acordo com Carlos Levy, presidente da Bombardier Transportation no Brasil, considera os problemas com o tráfego de veículos em São Paulo praticamente uma cobrança em investimentos no seu setor de atuação. “O governo de São Paulo investirá R\$ 16 bilhões em transporte público”, explica o executivo, ao citar que o recurso será destinado a obras no metrô, trens, reforma nas estações, extensões de linhas, entre outras melhorias. “Isso, evidentemente, é muito importante para os negócios da Bombardier Transportation, que atua no Brasil há quatro anos”.

O anúncio do pacote de medidas do governo colaborou para que o setor da construção e as empresas privadas do segmento intensificassem seus planos de crescimento. “Quando as obras do PAC estiverem de fato ocorrendo, o mercado já terá base para abastecê-las. Até 2010, nossa capacidade produtiva será de 33 milhões de toneladas/ano. Isso significa um incremento



Schalka, da Votorantim Cimentos: “Até 2010, nossa capacidade produtiva será de 33 milhões de toneladas de cimento/ano”

GLOBO IMAGENS

de 30% na capacidade atual, que é de 25 milhões de toneladas”, conta Walter Schalka, presidente da Votorantim Cimentos, sem descartar a importância do mercado imobiliário nos negócios da companhia. “O setor imobiliário é um pilar importante. O aumento da demanda por cimento se deve às facilidades de crédito conquistadas pelas classes mais baixas, que, desde 2007, têm acesso à casa própria via empréstimos ou financiamentos. É, sem dúvida, um mercado em amplo desenvolvimento”, completa.

No setor de energia, o governo federal prevê recursos de R\$ 274,8 bilhões, até 2010, em geração e transmissão de energia elétrica, petróleo e gás natural e combustíveis

renováveis. As operações da Brascan Energy, de acordo com Luiz Ildefonso Simões Lopes, presidente da Brascan no Brasil e managing partner da Brookfield Asset Management, relacionam-se não somente à geração de energia elétrica, mas também às áreas imobiliária, florestal, agropecuária e de infra-estrutura. “A Brascan construiu sua primeira hidrelétrica no país em 1906, e investiu, nos últimos dez anos, cerca de R\$ 2 bilhões em geração hidrelétrica. Neste momento, já construímos seis usinas hidrelétricas, com capacidade de geração de cerca de 150 megawatts, e temos um pipeline de mais de 20 de projetos em desenvolvimento, que vão gerar mais 700 megawatts”, explica.

Estatísticas mostram que, entre 2005 e 2007, cerca de 23 milhões de pessoas ascenderam das classes D e E para a classe C, que hoje representa uma população de 86,2 milhões. “São 23 milhões de pessoas a mais na classe C, justificando o aumento de 10% na taxa de vendas no varejo nos últimos sete anos. Considerando-se que parcela deste resultado refere-se a produtos eletrodomésticos, podemos concluir que há um forte crescimento de consumo de energia elétrica. São fatos como esses que intensificam a necessidade de investimentos nos setores ligados a infra-estrutura, significando um passo essencial para o desenvolvimento do país”, acrescenta o executivo. 🍁

Compromisso financeiro

Definido como a capacidade de saldar compromissos financeiros, o **rating** é avaliado por agências de classificação de risco, que apontam o maior ou menor risco de suspensão de pagamentos. Para publicar uma nota de risco, as agências analisam a situação financeira do país, as condições do mercado mundial e a opinião de especialistas. Se for

considerado bom pagador, o país conquista o grau de investimento. Assim, a melhor classificação que um país pode obter é **Aaa** (Moody's) ou **AAA** (Standard & Poor's), que significam: capacidade forte de atender compromissos financeiros. Conheça a escala de **ratings** globais das principais agências de classificação de risco mundiais:

Escala de ratings globais das agências

Moody's	Fitch Ratings	Standard & Poor's	Significado
Aaa	AAA	AAA	Mais alta qualidade
Aa	AA	AA	Alta qualidade
A	A	A	Qualidade média alta
Baa	BBB	BBB	Qualidade média
Ba	BB	BB	Predominantemente especulativo
B	B	B	Especulativo, baixa classificação

Moody's	Fitch Ratings	Standard & Poor's	Significado
Caa	CCC	CCC	Inadimplimento próximo
C	C	C	Mais baixa qualidade, sem interesse
	DDD	DDD	Inadimplente, em atraso, questionável
	DD	DD	Inadimplente, em atraso, questionável
	D	D	Inadimplente, em atraso, questionável

Fonte: Standard & Poor's, Moody's e Fitch Ratings

Cenário de oportunidades

Presidente mundial e vice-presidente do Brasil e do Cone Sul da Export Development Canada consideram a conquista do investment grade um crédito para atrair novos investidores e fundos de pensão canadenses para o país

Rose Campos

Com a função de auxiliar exportadores e investidores canadenses a expandir seus negócios internacionais, a Export Development Canada (EDC) hoje oferece financiamentos e seguros de crédito a 7 mil empresas do Canadá e a clientes mundiais. Em números, sua atuação atingiu, no ano passado, US\$ 77,7 bilhões em exportações e em investimentos, representando um crescimento de 17,5% em relação a 2006. Deste total, US\$ 20,8 bilhões foram aplicados em mercados emergentes como o brasileiro – que recebeu um montante de US\$ 1,5 bilhão, superando em mais de 30% o valor registrado no ano anterior. Para atingir, em 2008, um aumento de 30% nos financiamentos ao país – atualmente seu terceiro maior mercado emergente –, a EDC aposta no interesse dos fundos de investimentos e de pensão do Canadá pelas oportunidades oferecidas em setores ligados à infra-estrutura, entre outros. “A conquista do investment grade mostra o quanto o Brasil se fortalece economicamente”, considera Eric Siegel, presidente e CEO da EDC, que em recente visita ao país concedeu, juntamente com Claudio Escobar, chefe executivo e diretor da EDC do Brasil e Cone Sul, uma entrevista para a revista **Brasil-Canadá**:

Brasil-Canadá – O Brasil conquistou o título de investment grade pelas agências de classificação de risco Standard & Poor's, Fitch Ratings e pela canadense DBRS. Qual o significado dessa conquista para as empresas representadas pela Export Development Canadá (EDC) no país?

Eric Siegel – A conquista do grau de investimento confirmou o que temos presenciado nos últimos anos: uma grande transformação no cenário econômico brasileiro. O recente anúncio das agências de classificação de risco reafirma aos investidores estrangeiros que é preciso manter-se atento às oportunidades de mercado no Brasil. E, quando falo em mercado, não significa um local com potencial apenas para as vendas, mas principalmente para investimentos. Essa conquista, portanto, reforça o quanto o Brasil se fortalece economicamente.

BC – Em quais setores de atuação brasileira a EDC atualmente mantém negócios?

ES – De nossa lista de atuação constam os setores de *commodities*, de agronegócios, de fertilizantes, de gás e óleo, de suprimentos, entre outros, além da prestação de serviços para empresas como a Petrobras e para os setores espacial, aéreo e de telecomunicações. O motivo principal de minha visita ao Brasil é o de justamente ampliar nossa presença no país, oferecendo às empresas canadenses uma base ainda mais sólida e contribuindo para que a relação comercial entre Brasil e Canadá cresça.

BC – Os negócios realizados pela agência no Brasil corresponderam a US\$ 1,5 bilhão, em 2007. A partir deste resultado, quais são as metas da EDC?

ES – Este valor representa um aumento de 32% nos negócios da agência em 2007, em relação ao total obtido no ano anterior, um resultado bem maior do que esperávamos. A meta agora é a de dar continuidade a este crescimento,



Escobar (à esq.) e Siegel, da EDC: metas para intensificar a atuação de empresas canadenses no país

ZECA MENESES

o que, em cifras, significa US\$ 2 bilhões ou mais, em 2008. Reforçar o valor da palavra investimento, neste caso, é extremamente importante para que consigamos atingir nosso objetivo. A EDC não está interessada em somente viabilizar exportações de produtos canadenses ao Brasil – o que já é bom –, mas também em intensificar seu apoio aos planos de investimentos do Canadá. São eles que, na realidade, constituem grande parte do nosso movimento financeiro total. Cerca de US\$ 10 bilhões em investimentos foram feitos fora do Canadá. Esta é uma parte crescente da nossa atividade e esperamos reforçá-la no mercado brasileiro. A conquista do investment grade, portanto, será muito útil para atrair mais empresas e investidores canadenses. Se antes existia alguma restrição sobre atuar em países em desenvolvimento, ela agora está sendo removida. Hoje, um grande montante é aplicado em setores ligados à infra-estrutura, entre outros, em toda a América Latina.

BC – Qual é a representatividade do Brasil neste cenário?

ES – Se você somar todos os países da América Latina – incluindo o México –, o suporte oferecido pela EDC atualmente corresponde a US\$ 8,45 bilhões, sendo cerca de US\$ 1,5 bilhão destinado ao Brasil. Esta é uma fórmula que utilizamos para mencionar a representatividade do país em nossos negócios. Outra forma de demonstrar este posicionamento relaciona-se a mercados emergentes significativos. Se montarmos um ranking, é possível afirmar que o México encontra-se em primeiro lugar, a China em segundo e o Brasil em terceiro, em razão de seu rápido crescimento. Vinte e sete por cento dos US\$ 77,7 bilhões

que movimentamos, em 2007, foram aplicados em negócios no mercado emergente, registrando quase US\$ 21 bilhões. Há cerca de três anos este número estaria entre 13% e 14%. O Brasil é, sem dúvida, um dos mais fortes mercados emergentes da atualidade.

BC – A falta de investimentos em infra-estrutura revela-se como um dos grandes vilões do desenvolvimento do país. Esta realidade altera de alguma forma os planos da agência para o Brasil?

ES – Falta de investimento também pode ser considerada oportunidade. Com as privatizações em setores da infra-estrutura, a EDC teve a chance de trabalhar nesta área, por meio das Parcerias Público-Privadas (PPPs), na transmissão de energia, na melhoria de portos e aeroportos, entre outras atividades. Muitas vezes é necessário um financiamento específico para viabilizar um projeto. Se identificarmos a possibilidade de participação canadense, atuaremos com a oferta de suprimentos e de serviços ou mesmo sob a forma de investimentos de empresas do Canadá. Neste caso, nossa função é a de trazer toda a experiência adquirida em projetos de infra-estrutura e trabalhar com os bancos. Também realizamos estudos de risco, que contribuem em transações que necessitam de grandes investidores. Outro ponto importante é que a EDC atua com responsabilidade social e ambiental, questões que devem ser incorporadas aos projetos de infra-estrutura. A sustentabilidade ambiental é, sem dúvida, motivo de preocupação dos investidores; e lideramos essas práticas em operações que exigem sua aplicação e manutenção.



Petrobras: empresa consta da lista de clientes atendidos pela EDC

DIVULGAÇÃO

BC – A atual capacidade logística do país é suficiente para suportar o grande volume de negócios previsto para os próximos anos?

Claudio Escobar – Não temos encontrado problemas nas negociações com o setor privado. As empresas brasileiras enfrentaram no passado muitos desafios e hoje contam com profissionais muito bem preparados. Por isso, as condições são muito boas. Nós temos uma trajetória bem-sucedida no Brasil, relacionada ao sucesso da atuação das empresas canadenses no mercado. Nosso crescimento significa que temos mais companhias do Canadá interessadas nas oportunidades dos países emergentes. Isso porque estas regiões estão se modernizando e oferecendo desafios para que possam se desenvolver. É importante levarmos em conta todas as vantagens que temos à disposição; e posso dizer que a capacidade de fornecimento do Canadá é de excelente qualidade.

BC – Durante sua trajetória no Brasil, a EDC enfrentou momentos difíceis, como a disparada do dólar em relação ao Real. Quais fatores contribuíram para a sua permanência no país?

CE – Realmente fomos a única agência de financiamento e de serviços de crédito que manteve suas operações inalteradas. Isso ocorreu porque nossos planos de

“Os investidores estrangeiros agora devem manter-se mais atentos às oportunidades de mercado no Brasil”

Eric Siegel

investimentos são de longo prazo. Nesse caso, quando algum problema é detectado, a função da EDC é a de oferecer suporte rapidamente. Certamente, nós lucrarmos quando estamos fortalecidos no mercado. E os negócios crescem desde que instalamos o primeiro escritório no país, em 2000 – embora já existissem negociações bem antes desta data. Desde então, a EDC já concedeu mais de US\$ 9,9 bilhões, contribuindo para a manutenção das relações comerciais entre Brasil e Canadá.

BC – Então é possível afirmar que o fato de a EDC estar fixada em território nacional permitiu que as empresas canadenses observassem o período de crise econômica de outra forma?

CE – Realmente este fato contribuiu muito. Mas existem duas situações que devem ser consideradas: uma crise era mundial e a outra era local, motivada por preocupações políticas, que provocaram uma falta de credibilidade no país. Os amortecedores da economia, portanto, estavam em outros setores. Como nosso objetivo era o de crescer gradativamente, foi importante ter alguém operando no Brasil. Nessa época, eu era diretor da EDC para a América Latina e fui convidado a assumir o cargo de chefe executivo e diretor da EDC do Brasil e Cone Sul. Isso me permitiu enxergar, em meio ao período de turbulência, as oportunidades de mercado.

BC – E, hoje, quais são essas oportunidades?

CE – Hoje encontramos diferentes oportunidades de investimento no Brasil, pois o mercado financeiro mundial está mais inconsistente. Os bancos dos Estados Unidos enfrentam problemas de custo e de capacidade. Daí a importância de aumentar a presença de empresas canadenses em território brasileiro. E o fato de o país ter obtido o investment grade é mais um elemento de confiabilidade que estimula os investimentos do Canadá. 🍁



O paraíso da pesca

Além de compôr o cenário de belezas naturais do país, os rios e lagos do Canadá contam com uma imensa variedade de espécies de peixes, revelando-se ideais para quem busca unir esporte e aventura

Ligia Molina

A infinidade de lagos e rios do Canadá é, sem dúvida, um dos principais componentes do cenário de belezas naturais do país. Além de representar a natureza local, as águas calmas, densas ou mesmo congeladas das províncias canadenses convidam os turistas a praticarem um dos esportes mais apreciados pela população: a pesca com vara. Esporte e aventura unem-se a uma enorme e variada quantidade de peixes para atrair os amantes desta prática milenar.

Iniciar esta viagem, no entanto, não significa ter um ponto exato de partida. Se a intenção é pescar em meio à paisagem costeira, a primeira opção é a região do Atlântico. Conhecido pelas costas rochosas, vilas pesqueiras e praias ensolaradas, o local também oferece passeios culturais aos interessados em conhecer mais sobre o assunto. Newfoundland e Labrador são, por exemplo, os territórios dos salmões e das trutas gigantes. Mas, antes de equipar-se e de sair em busca dessas espécies, é importante saber que a prática do esporte – em qualquer parte do Canadá – exige autorização prévia, emitida nos centros de visitantes dos diferentes parques do país (www.pc.gc.ca).

Com a permissão em mãos, é possível participar, entre maio e agosto, da temporada de pesca à truta no Terra Nova National Park, em Newfoundland. A pesca do salmão, entretanto, ocorre de junho a setembro. Durante o

inverno, a aventura continua. Ao invés de dias ensolarados e águas cristalinas, os esportistas enfrentam baixíssimas temperaturas para a prática do *ice fishing*. Nos momentos de pausa, a sugestão é visitar o Marine Interpretation Centre, que, além de promover mostras da variada fauna e flora da região, permite presenciar o movimento da vida submarina por meio de um monitor.

A paisagem selvagem de Labrador, por sua vez, ajuda a compor o clima de pesca do salmão atlântico, espécie encontrada em abundância na província. Excursões em pequenos aviões flutuantes dão acesso aos principais rios e lagos da cidade – representados pelo lendário Beer River, pelo pequeno Reads River e pelo famoso Sandyhill River –, a partir de Happy-Valley Goose Bay, que fica na região central. Este lugar abriga o Labrador Heritage Museum, que retrata a fascinante história de Labrador.

Disputadas na temporada de férias, as províncias de New Brunswick, de Nova Scotia e de Prince Edward Island também formam a região do Atlântico canadense, proporcionando aos turistas uma visão privilegiada do panorama costeiro durante a pesca. Fisgar uma truta, um salmão, uma cavala ou um atum é comum em Prince Edward Island, principalmente em Gulf of St. Lawrence e em Northumberland Strait, entre os meses de julho e

Pesca com vara é um dos esportes mais praticados pelos canadenses

Trutas, salmões e cavalas em abundância estimulam a prática da pesca esportiva o ano inteiro

setembro. Barcos fretados partem de diversos pontos da cidade, incentivando a busca por diferentes espécies. As excursões são organizadas por empresas pesqueiras, como a Joey Gauthier's Deep-Sea Fishing, a MacNeill's Tuna and Deep-Sea Fishing e a Tony's Tuna & Deep-Sea Fishing.

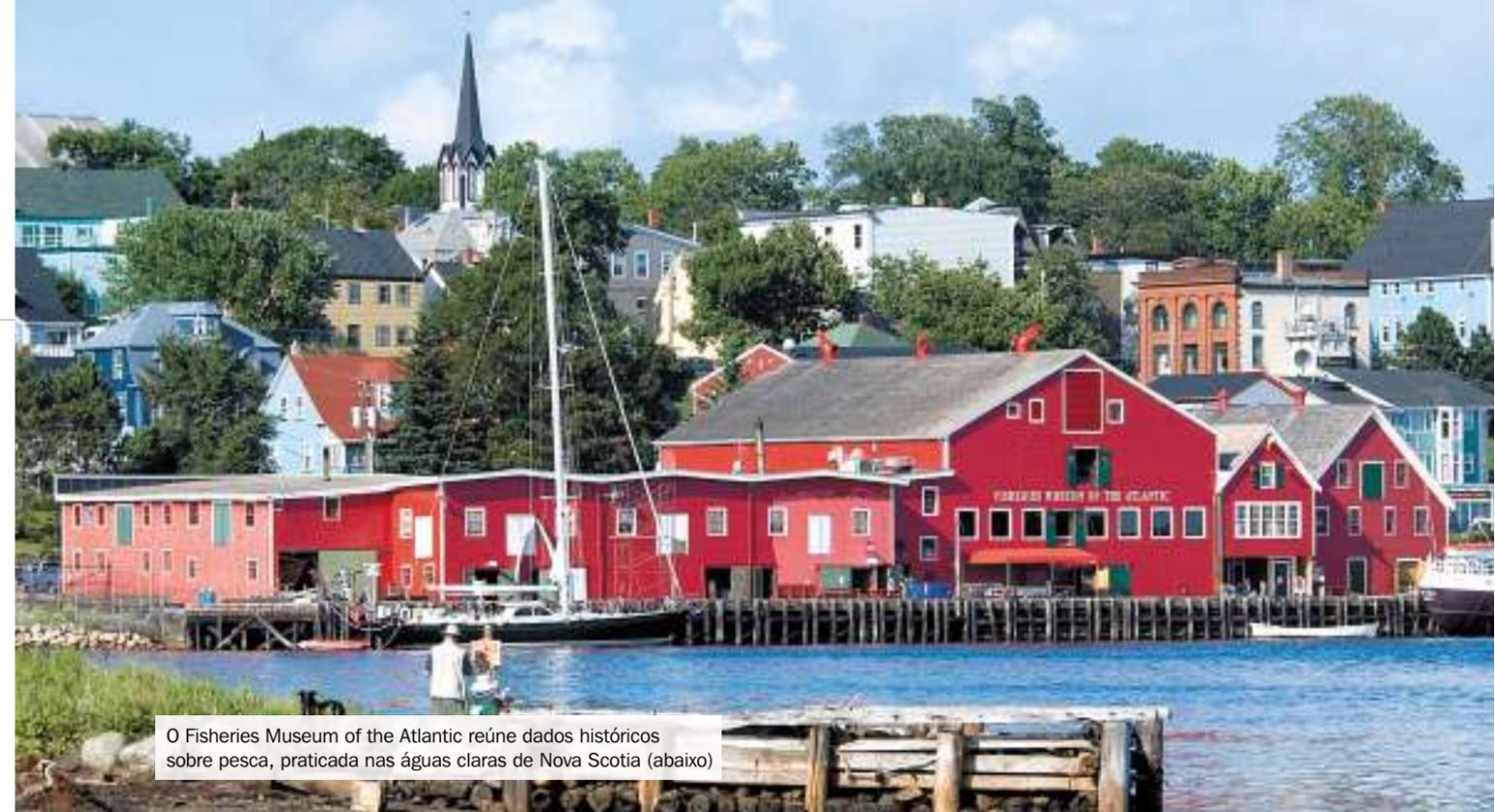
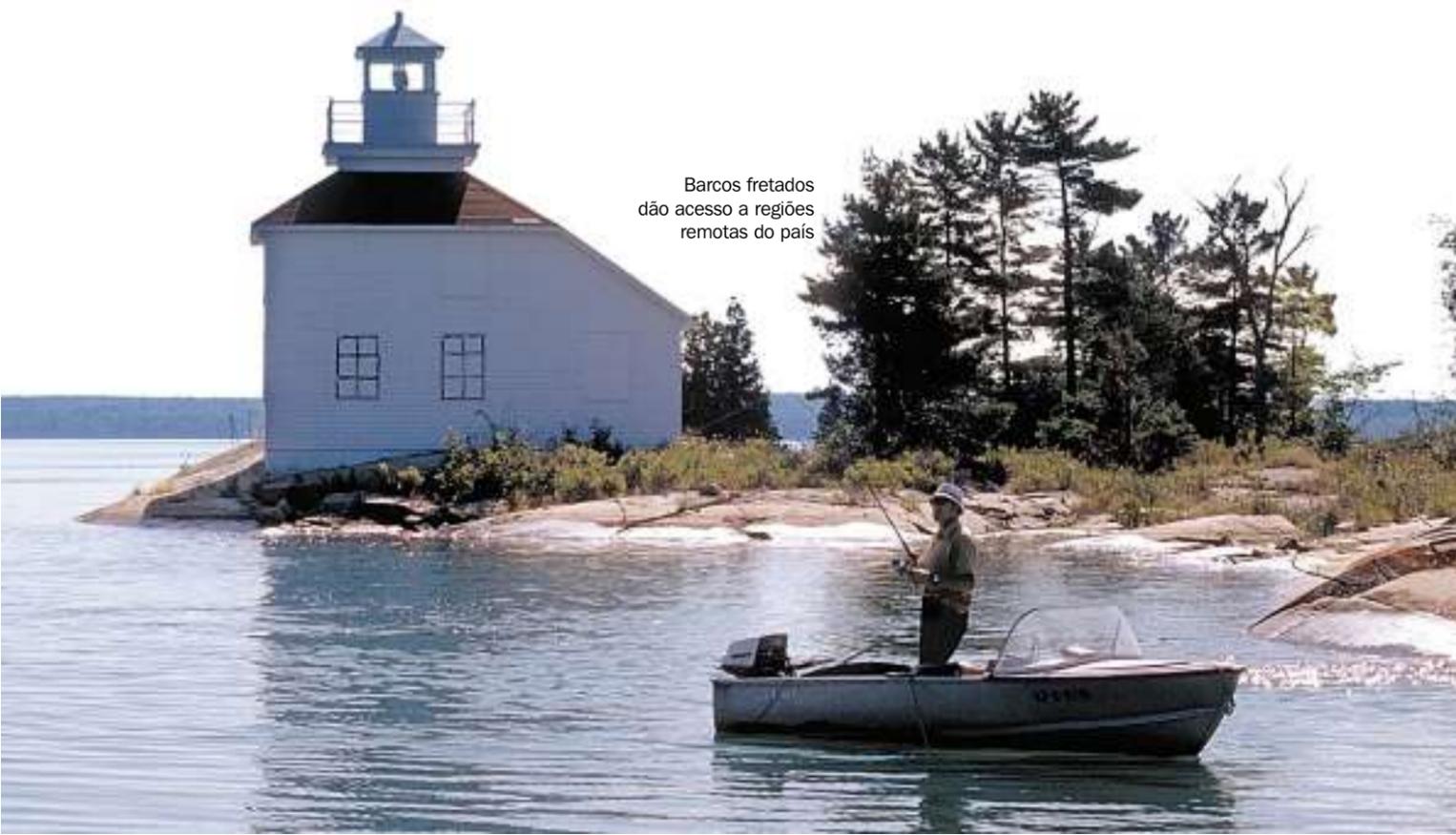
Se a idéia é fazer uma pausa para descanso, a opção ideal encontra-se dentro do Prince Edward Island National Park: a Cavendish Beach. Eleita uma das mais procuradas praias da província, conta com areia macia e ondas suaves. Na direção leste, a tranquilidade se estabelece durante o percurso pela trilha de madeira Reeds and Rushes Trail, que leva a um lago pantanoso de água doce.

O estímulo à pesca permanece na Nova Scotia.

A cidade pesqueira Digby representa a tradição da prática do esporte, ao promover passeios ao longo do Digby Neck. Apreciar a vasta quantidade de espécies selvagens faz parte do roteiro de muitos visitantes que vão à região para pescar. Observar as baleias-*fin*, *minke* e jubarte é um dos passeios imperdíveis. Os que têm mais sorte podem presenciar a exposição ao sol da rara baleia-franca.

O estilo de vida à beira-mar é vivenciado em Lunenburg, declarada, em 1996, Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Os apreciadores da pesca encontram na cidade a Bluenose II, réplica da mais famosa escuna do Canadá, e o Fisheries Museum of the Atlantic, que, além da bela vista para o mar, abriga a Theresa E. Conner – a última das escunas de Grand Banks – e a traineira Cape Sable. Os anzóis podem ser lançados na Ilha de Cape Breton. Pequeno e com águas de coloração verde-esmeralda, o Margaree River Valley atrai, desde o século 19, pescadores de salmão e de truta. Capaz de agradar até a quem desconhece o assunto, o Margaree Salmon Museum mantém um exposição permanente de varas e de carretéis históricos.

Barcos fretados dão acesso a regiões remotas do país

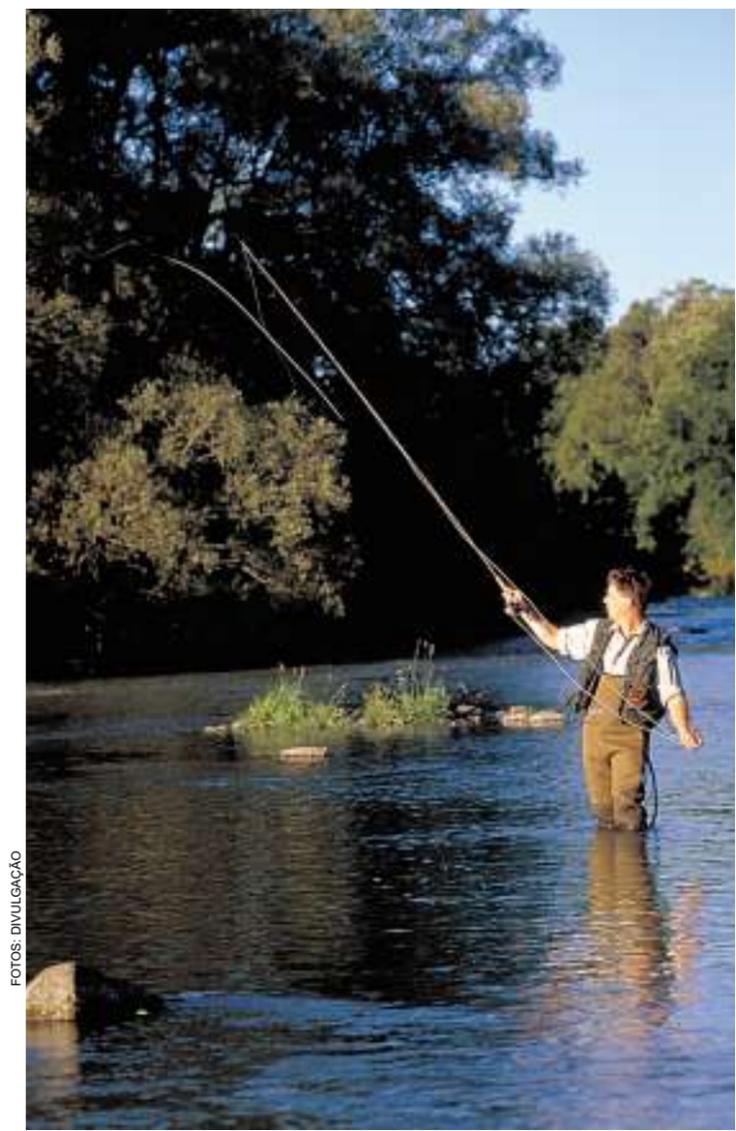


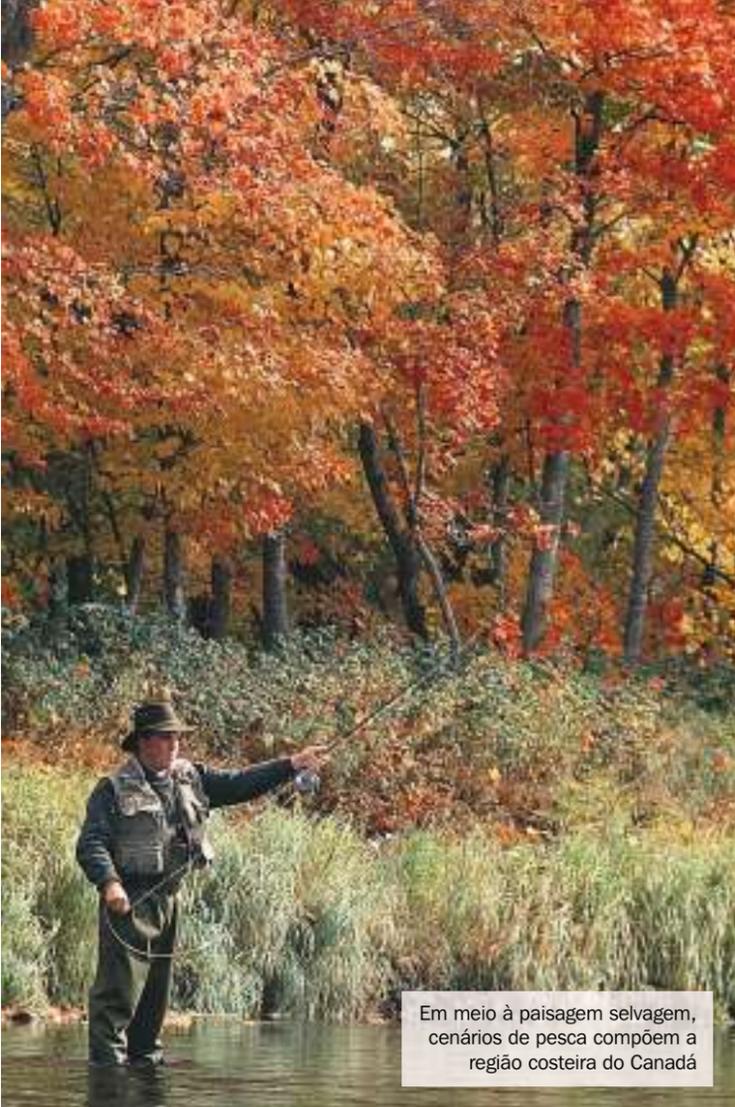
O Fisheries Museum of the Atlantic reúne dados históricos sobre pesca, praticada nas águas claras de Nova Scotia (abaixo)

Com centenas de lagos e rios, Quebec também revela uma grande quantidade de peixes em suas águas, com destaque para as trutas e os salmões. Agências especializadas levam os turistas a pontos específicos para a prática do esporte, a exemplo de Moselle, uma área com mais de 300 quilômetros quadrados, que fica entre os Rios Gatineau e Coucou. Além de fisgar as espécies locais, o turista pode permanecer em um dos 20 chalés instalados na região. Outro lugar bastante procurado é a pequena Sauterelle, paraíso das trutas. Em Baie du Nord, lúcius e *walleys* (espécie não encontrada no Brasil) são disputados em uma área de 9.200 quilômetros quadrados.

Aviões flutuantes – A extensa Quebec ainda conta com o Lake Kipawa, reserva de *walleys* e trutas. Aviões flutuantes dão acesso ao Lacroix Lake, lugar de espécies variadas, enquanto enormes *walleys* amarelos e azuis são encontrados em abundância no Rio Ogascanan. A prática da pesca é tão intensa na província que é promovida durante o ano inteiro. Nas baixas temperaturas, cabanas são instaladas nas águas congeladas para o *ice fishing*. Se além de peixes o turista busca contato com a natureza, o roteiro deve incluir a Reserve Faunique La Vérendrye. Localizada a cerca de 471 quilômetros a noroeste de Montreal, a região apresenta longos e sinuosos rios de águas calmas e abriga um grande número de alces, ursos, veados e castores. Nas temporadas de pesca é possível pegar peixes de São Pedro, lúcius, trutas e robalos.

Região dos Grandes Lagos, Ontário também oferece, em seus milhares de lagos e rios, experiências únicas aos praticantes da pesca esportiva. Contabilizando a captura de mais de 4,5 milhões de quilos de *walleys* por ano, a





Em meio à paisagem selvagem, cenários de pesca compõem a região costeira do Canadá



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Rede de informações

Dados sobre as temporadas de pesca nas províncias canadenses, as agências de viagem que oferecem pacotes específicos e a documentação necessária para ter acesso aos rios e lagos do país estão disponíveis na internet. Para que nada saia do roteiro, é importante consultá-los com bastante antecedência e traçar em detalhes seu destino:

Sportfishing Canada – www.sportfishingcanada.ca

Fishing in Canada – www.fishingincanada.com

SportFish Canada – <http://sportfishcanada.ca>

Parks Canada – www.pc.gc.ca

Newfoundland e Labrador – www.newfoundlandlabrador.com

Prince Edward Island – www.gov.pe.ca/visitorsguide

Nova Scotia – <http://novascotia.com>

Ontário – www.gofishinontario.com

Quebec – www.bonjourquebec.com

Saskatchewan – www.sasktourism.com

Yukon – <http://travelyukon.com>

província mantém um roteiro bem traçado. Seguindo rumo a noroeste, por exemplo, o turista encontra um grande volume de *muskie* (outra espécie de peixe norte-americano), *walleyes* e lúcius, em meio à paisagem selvagem. O Quetico Provincial Park e o Albany River são lendários, principalmente, pela diversidade de trutas e *walleyes*. Pescar nas águas do Lago Superior é outra atração imperdível, por serem repletas de trutas, salmões e *steelheads*. Com mais de 70 locais reservados para essa prática, o Sunset Country é prioridade na lista de qualquer pescador.

Assim como o *snowmobiling*, o *ice fishing* é parte das atividades de inverno de Ontário. Resorts e restaurantes

oferecem a infra-estrutura necessária para os que preferem as baixíssimas temperaturas. Em direção a noroeste, trutas, lúcius e *muskie* podem ser fígados em James Bay, em Georgian Bay e em Manitoulin Island. A aventura só estará completa com uma parada nas águas selvagens do Algonquin Provincial Park. Chegar aos locais de pesca em aviões flutuantes é bem comum na parte central da província. Em Hudson Bay – a terceira maior ilha do mundo –, a pesca ocorre no Sutton River, famoso pelas enormes trutas de riacho. O clima de tranquilidade promovido pelo *ice fishing* também é um dos destaques da região, sendo Batchawanna Bay um dos locais mais procurados.

Na região central do Canadá, a província de Saskatchewan é o destino de muitos pescadores que buscam grandes peixes, paisagens paradisíacas e águas claras. De carro ou em aviões flutuantes, é possível ter acesso à imensa quantidade de lagos e de espécies disponíveis nestes locais. Green Lake, Tobin Lake, Athabasca Lake, Cree Lake e George Lake são apenas algumas opções que o visitante poderá desfrutar. Assim

como nas demais regiões canadenses, fígar as maiores trutas, os lúcius e os salmões faz parte do objetivo dos esportistas. Se houver uma pausa entre os horários de pesca, a sugestão é seguir para a capital, Regina, para conhecer o Wascana Center, parque que tem um grande lago artificial e abriga cerca de 60 espécies de aves aquáticas, entre elas o ganso canadense.

Nem as baixas temperaturas de Yukon desanimam os fãs da pesca. A variedade de peixes e a paisagem ártica colocam a região em posição privilegiada no roteiro dos esportistas, que, certamente, elegem o *ice fishing* como prática preferida, uma vez que o clima gelado cria proximidade com os hábitos dos inuits, comunidade nativa que habita a região.

O acesso aos rios e aos lagos da província também pode ser realizado de carro ou em aviões flutuantes, serviço oferecido por várias agências especializadas. Entre os destaques, a pesca nas áreas próximas ao Kluane Lake oferece contato com o lago mais famoso de Yukon, em pacotes com duração de 3 a 14 dias. Além da emoção de uma boa pescaria, a oportunidade de permanecer em meio às paisagens do Canadá transforma a aventura em um momento inesquecível. 🍁



Integração cultural

Estúdio móvel, idealizado pela cineasta canadense Manon Barbeau, busca diminuir a distância social existente no país, ao promover a produção e a divulgação de vídeos feitos por jovens nativos, que retratam a realidade de suas comunidades

Rose Campos



Evelyne (à esq.) e Manon: "Realidade das diferentes comunidades nativas do mundo é semelhante à do Canadá"

TATIANA CARDEAL

Há aproximadamente quatro anos, a cineasta canadense Manon Barbeau trabalhava no roteiro de um longa-metragem nas comunidades nativas Atikamek, em Quebec, quando percebeu a necessidade de integrar os jovens locais ao universo da tecnologia. Seu principal objetivo era oferecer uma alternativa viável para resolver o problema do isolamento social dessas comunidades no Canadá. O que, a princípio, não passava de idéia ganhou com o tempo dimensão, na tentativa de atender a toda a demanda existente no país. Batizado de *Wapinoki Mobile*, o projeto de Manon atualmente corresponde a um trailer motorizado, equipado com câmeras, materiais de áudio e de vídeo. Com a função de percorrer as diferentes províncias canadenses, esse verdadeiro estúdio móvel tem descoberto vários talentos por onde passa, depois de ensinar aos jovens nativos técnicas de como produzir e divulgar seus próprios documentários. "São eles mesmos que apresentam seus filmes em grandes festivais do Canadá. Muitas vezes o público não conhece a situação dos povos nativos e os vídeos servem para mostrar o que está acontecendo de fato", explica a cineasta. Uma das revelações do *Wapinoki Mobile* é Evelyne Papatie, da comunidade Algonquin, hoje cineasta indígena. Em recente visita ao Brasil – ocasião em que participaram do 2º *Seminário Mídias Nativas*, promovido pelo CEPOP-ATOPOS – Centro de Pesquisa da Opinião Pública em Contextos Digitais da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP –, Manon Barbeau e Evelyne Papatie falaram, em entrevista à revista *Brasil-Canadá*, sobre a evolução do projeto, sua receptividade no Canadá e em outros países e sobre a viagem que fizeram ao Parque Nacional do Xingu, onde conheceram a experiência de cineastas indígenas brasileiros.

Brasil-Canadá – O *Wapinoki Mobile* foi criado com o intuito de diminuir o isolamento social das comunidades nativas no Canadá. Quais são os resultados alcançados pelo projeto até o momento?

Manon Barbeau – O objetivo do projeto é exatamente o de quebrar o isolamento das comunidades nativas, na tentativa de também diminuir o preconceito existente na sociedade das grandes metrópoles canadenses, que, em geral, desconhece a cultura dessas populações. Percebemos que essa distância tem provocado muitos casos de toxicomania e de suicídio entre os nativos, o que significa um sentimento total de desesperança. Isso decorre da perda de identidade

e de confiança em si mesmos. Quando falo em isolamento, aliás, é interessante entender que a distância física entre as sociedades no Canadá é bem menor do que no Brasil, cujo acesso a uma aldeia indígena exige, no mínimo, uma viagem de cinco horas a partir da metrópole. Nossa função é, portanto, a de levar uma palavra de esperança principalmente aos jovens, e resgatar desta forma a auto-estima local. Em quase quatro anos de trabalho, cerca de 700 jovens assistidos pelo projeto tiveram a oportunidade de iniciar trabalhos relacionados ao cinema e à música. Um dos resultados é a produção, até o momento, de 140 filmes – exibidos em diferentes países – com a conquista de 21 prêmios.

BC – Além da divulgação de documentários e músicas, o projeto tem proporcionado uma aproximação de fato dos jovens nativos com outras sociedades?

MB – Certamente que sim. É interessante citar que os trabalhos não são divulgados pelos organizadores do projeto. Além de produzir seus materiais, os jovens são convidados a participar de festivais mundiais para divulgá-los. Esse incentivo contribui para que os participantes sejam porta-vozes de sua comunidade. E a receptividade é incrível. Percebemos que depois da exibição de um documentário as pessoas vão ao encontro desses jovens para dizer que passaram a conhecer uma realidade que antes não sabiam existir. Isso realmente comprova a dimensão do projeto, que hoje já conta com três estúdios permanentes que dão continuidade ao trabalho iniciado no trailer móvel. Um exemplo de sucesso é Evelyne Papatie que, depois de participar de vários projetos do *Wapinoki Mobile*, se tornou produtora em um desses estúdios permanentes.

BC – Você é citada como uma das revelações do projeto. De que forma você tomou conhecimento da existência do *Wapinoki Mobile* e como surgiu seu interesse pelo cinema?

Evelyne Papatie – Os organizadores do projeto chegaram à minha comunidade – a Algonquin – propondo aos jovens que produzissem filmes sobre a realidade local. Hoje considero a situação até engraçada, pois não entendi, a princípio, o significado real daquela proposta. Mas, como naquele momento estava à procura de algo interessante para fazer, aceitei o desafio. O cinema, portanto, foi uma descoberta em minha vida.

BC – E qual foi o resultado da sua primeira experiência como produtora? Depois deste trabalho, quantos filmes você já produziu?

EP – Nosso desafio era produzir um filme sobre a imagem da nossa comunidade no futuro. Foi interessante, pois onde moro não tem luz elétrica nem água encanada. Então, desenvolvemos um projeto de disponibilidade de todos esses serviços, revelando os pontos positivos e negativos desta evolução. É importante destacar a integração proporcionada naquele momento, pois praticamente todos os jovens da minha comunidade participaram da realização do filme. Depois dessa experiência, trabalhei, pelo *Wapinoki Mobile*, na produção de cinco documentários, mas também participei de alguns projetos paralelos.

BC – Qual a importância da promoção de encontros sobre a cultura de diferentes nações indígenas, a exemplo do *Seminário Mídias Nativas* realizado no Brasil?

MB – A importância desses encontros é a de tentar viabilizar a troca de experiências culturais entre os jovens, promovendo, por exemplo, intercâmbios em comunidades brasileiras e canadenses para a produção de documentários. Outra proposta interessante é a de formarmos futuramente um conselho internacional de cineastas indígenas, para que eles possam se encontrar e discutir quais são seus reais desejos.

EP – Essa experiência reforça a importância de se promover intercâmbios entre os países, pois nos permitiu aprender mais sobre os hábitos e culturas de diferentes nações indígenas.

“O projeto já incentivou a produção de 140 documentários e a conquista de 21 prêmios em festivais mundiais”

Manon Barbeau

Esse contato seria muito interessante não só para a minha comunidade, mas também para as demais comunidades do Canadá. Isso nos ajudaria a resgatar nossa identidade, espiritualidade e orgulho.

BC – Durante a viagem realizada ao Brasil, vocês tiveram a oportunidade de visitar o Parque Nacional do Xingu. Existe algum tipo de relação entre a realidade das comunidades nativas do Canadá e do Brasil?

MB – É impactante perceber que a realidade de diferentes comunidades nativas é semelhante à existente no Canadá. Quando visitei o Xingu, notei que as tradições e a língua nativa são mais preservadas do que em meu país. Ao apresentarmos alguns vídeos sobre as comunidades canadenses para os índios brasileiros, eles observaram que os estilos de trabalho são bastante parecidos. Posso dizer que essa experiência despertou em mim um grande desejo: o de que todas as comunidades indígenas tivessem uma rede mundial de acesso para compartilharem suas experiências. 🍁



DIVULGAÇÃO

Vídeo nas aldeias

O intercâmbio de informações entre as diversas aldeias indígenas do Brasil é promovido há 20 anos pelo projeto *Vídeo nas Aldeias*. Assim como no Canadá, o instrumento de expressão da identidade dos índios é a câmera de vídeo, capaz de refletir a visão de seus produtores sobre si mesmos e sobre o mundo. Parte da ONG *Vídeo nas Aldeias*, o projeto promove oficinas nacionais e regionais que estimulam discussões sobre como apresentar a realidade das aldeias brasileiras. O resultado é um vasto acervo, que destaca encontros entre povos que se conheceram por meio do vídeo, rituais e tradições culturais indígenas, séries de programas para a televisão educativa, entre outros assuntos. Ponto de cultura do *Programa Cultura Viva* do Ministério da Cultura (MinC), o projeto *Vídeo nas Aldeias* lançou, no final de 2007, o primeiro DVD da coleção *Cineastas Indígenas*, que traz uma seleção dos melhores documentários. “Os vídeos são divulgados em sites, festivais, mostras itinerantes nas comunidades indígenas, entre outros locais”, explica Célio Turano, secretário da Identidade e da Diversidade Cultural do MinC.

Além das fronteiras



Baptista: "Um bom contrato internacional faz referência à lei da arbitragem"

GLOBO IMAGENS

Não há dúvida de que a arbitragem conquistou uma nova dimensão no Brasil a partir da aprovação da Lei nº 9.307/96. Além de impulsionar sua aplicação na solução de conflitos internos de forma rápida e altamente eficiente, a lei instituída reforçou as oportunidades de utilização do recurso em âmbito internacional, principalmente no que se refere às relações comerciais. Dessa forma, como explica Luiz Olavo Baptista – atual presidente do Tribunal de Apelações da Organização Mundial de Comércio e integrante do corpo de advogados que compõem o Centro de Arbitragem e Mediação da Câmara de Comércio Brasil-Canadá – a partir de sua larga experiência em direito internacional, “a lei de arbitragem aplica-se aos processos que têm sede em seu país de origem e também àqueles que tiveram origem no exterior. Em geral, os países distinguem as arbitragens em estrangeiras e em locais, mas esta fórmula apresenta dificuldades no momento de diferenciar umas das outras”, avalia.

Recurso recomendado quando a questão a ser decidida corresponde às partes localizadas em diferentes países, a arbitragem internacional, segundo Baptista, é atualmente utilizada na maioria dos contratos estrangeiros, sendo também de uso muito comum em outras questões. “Seu principal desafio é o de não se tornar uma cópia dos defeitos dos procedimentos judiciais, em que tradições e regras mal-elaboradas deformam, prejudicam e dificultam a aplicação da Justiça, além de evitar a elevação de custos”, afirma o advogado.

Depois de eleita como recurso na solução de conflitos internacionais, a arbitragem exige, principalmente, que os envolvidos selecionem com critério o local de processo, pois a partir desta decisão podem decorrer conseqüências quanto à homologabilidade ou à execução do laudo. “Também é importante decidir se a arbitragem será *ad hoc* (em que as partes de comum acordo nomeiam os árbitros e administram elas próprias o procedimento arbitral) ou

administrada (em que as partes determinam uma Câmara de Arbitragem e se submetem aos seus regulamentos)”, diz Baptista, ao considerar a segunda opção mais vantajosa sob o ponto de vista operacional. “A administrada pode ser avaliada como solução mais rápida e mais simples, pois as suas principais regras e seus procedimentos são conhecidos com antecedência, dispensando uma discussão tão logo surja a arbitragem, situação em as partes têm mais dificuldade de diálogo. Naturalmente, um bom contrato internacional faz referência à lei aplicável”, completa.

Uma das dificuldades relacionadas à arbitragem internacional citada pelo advogado refere-se à escolha de um idioma diferente do usado pelas partes no negócio. “Nesse caso é geralmente necessário requerer trabalhos de tradução. Outra dificuldade encontra-se quando o recurso envolve árbitros de sistemas jurídicos diferentes – que raciocinarão de maneiras opostas –, situação que depende de peritos para reconhecer qual será o direito aplicável”, acrescenta, ao explicar que uma sentença proferida no exterior deve ser homologada no local em que será executada, fato que no Brasil corresponde a um procedimento simples perante o Superior Tribunal de Justiça.

A facilidade nos procedimentos relacionados à arbitragem, aliás, é uma das demonstrações de que o Brasil está no caminho certo no que se refere à evolução e maturidade da aplicação do recurso, na opinião do advogado. “A legislação brasileira é uma das mais modernas. Hoje, os tribunais compreendem todos os problemas relacionados à arbitragem e decidem bem as questões que lhes são apresentadas. No geral, os advogados que atuam nessa área também são bem-informados”. Outro fator que comprova a qualidade da arbitragem no país é a atuação do Centro de Arbitragem e Mediação da Câmara de Comércio Brasil-Canadá, que, segundo Baptista, tem conquistado renome internacional. “A instituição é a mais antiga e mais tradicional do Brasil e, certamente, a mais internacionalizada. A grande atuação na difusão e divulgação do recurso representa o papel relevante da entidade na trajetória da arbitragem no país”, finaliza. (LM) 🇨🇦

Significado universal

Para entender o conceito de arbitragem internacional, a United Nations Commission for International Law (Uncitral) estabeleceu uma lei-modelo – em 21 de junho de 1985 – que define o recurso nos seguintes casos:

- 1 – as partes numa Convenção de Arbitragem tiverem o seu estabelecimento em estados diferentes;
- 2 – um dos lugares estiver situado fora do Estado no qual as partes têm o seu estabelecimento;
- 3 – as partes tiverem convencionado expressamente que o objeto da Convenção de Arbitragem tem conexão com mais de um país.

INFO TRANSLATOR SERVIÇOS EM IDIOMAS

If you require the services of a language professional, please contact us.

FREE AND CERTIFIED TRANSLATIONS IN A WIDE RANGE OF SUBJECT AREAS:

Legal, Banking & Finance, Birth and Marriage Certificates, IT, Environment, Gastronomy, Engineering & Technical, Tourism, Academic Records.

LANGUAGE COMBINATIONS:

- English-Italian (Sworn & Certified)
- Italian-English (Sworn & Certified)
- Portuguese
- Spanish
- French

For an instant quote, please email us, and we will get back to you shortly.

CONTACT

PAOLA LIVIA CROSO

Phones:

5523-4549 / 7205-7274

e-mail:

pa_croso@yahoo.com.br

Troca de conhecimento

Parcerias entre universidades do Brasil e do Canadá reforçam o interesse por cursos de graduação e de especialização internacionais, em áreas como negócios e tecnologia

Claudia Rondon

Nos últimos anos, o aumento da procura por cursos de ensino superior internacionais tem reforçado o interesse de estudantes e de profissionais por diferentes idiomas, culturas e estilos de gestão empresarial. De acordo com os indicadores mais recentes da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) – divulgados no Panorama da Educação 2007, em 2005 –, 2,73 milhões de estudantes de educação superior foram matriculados fora de seu país de origem, correspondendo a um crescimento de 4,9% em relação ao total registrado no ano anterior. Em uma análise mundial das três últimas décadas, os números saltaram de 600 mil, em 1975, para 2,73 milhões, em 2005, ou seja, mais de 400%.

Entre os principais destinos, a lista da OCDE destaca os tradicionais Estados Unidos (22%), Reino Unido (12%), Alemanha (10%) e França (9%), seguidos pelos novatos Austrália (6%), Japão (5%), Canadá (3%) e Nova Zelândia (3%) – que hoje atraem mais de cinco em cada dez estudantes estrangeiros. Essa mudança de cenário, por sua vez, tem contribuído para o aumento de convênios entre instituições de ensino internacionais, fato que no Brasil, segundo Patricia Gasparin Spadaro, responsável pelas relações com América do Norte, Ásia e Oceania da Universidade Estadual Paulista (Unesp), é regido pela demanda de alunos.

“Percebemos uma procura maior de universidades estrangeiras com as quais o Brasil já mantém boas relações por tradição. Com isso, temos ampliado os acordos com



instituições canadenses, como a University of Regina, o Noble Institution for Environmental Peace (NIEP), a University of New Brunswick e The University of Winnipeg”, explica Patricia, ao destacar os custos com despesas pessoais em outro país como um dos motivos que dificultam a intensificação desse processo.

É o que observa Biswajit Ganguly, presidente do Noble Institution for Environmental Peace da University of Toronto (NIEP) – instituição não-lucrativa formada por profissionais multidisciplinares – e pesquisador da Unesp. Para ele, o alto custo de vida é o maior problema dos brasileiros que pretendem estudar no Canadá. “Os canadenses pagam boa parte dos seus custos com educação, diferentemente de alguns estudantes do Brasil que têm acesso a uma universidade pública”. No momento, o NIEP inicia um programa com bolsistas brasileiros de pós-doutorado em Socioeconomia, Ciência Política, Gestão de Perdas na Agricultura e em Tecnologia: Biogás e Produção de Fertilizantes. O objetivo, segundo Ganguly, é que esses programas resultem, futuramente, em parcerias com a Índia, ampliando as oportunidades tanto para os canadenses quanto para os brasileiros.

Classificada em um ranking publicado no jornal americano *Financial Times* como a 16ª melhor escola de negócios do mundo, a Fundação Dom Cabral (FDC) agora mantém parceria com universidades de países membros do BRIC: Skolkovo Moscow School of Business (Rússia), India School of Business (Índia) e Fudam University (China). “Também intensificamos nossas relações com o México, a Argentina e o Chile, com o intuito de oferecer suporte a empresas latino-americanas”, explica Carlos Arruda, assessor de relações internacionais da FDC, cuja primeira parceria internacional foi estabelecida, em 1976, com a HEC School of Management, escola de negócios de Paris.

Acompanhando os primeiros sinais da abertura político-econômica no Brasil, em 1989, a FDC deu outro passo importante ao aproximar-se da University of British Columbia, especializada em formar jovens empreendedores. A relação de quase 20 anos hoje permanece com a oferta de um programa sobre oportunidades e desafios do mercado chinês e do curso *Logística e Gestão de Cadeia Produtiva*. “No momento, o maior interesse por esses cursos é dos brasileiros. Mas já percebemos o interesse do governo canadense pelo mercado latino-americano”, conta Arruda.

Para Fabrício Nogueira Natal, gerente de projetos da Cummis Brasil, a possibilidade de realizar o MBA Executivo

educação |

da FDC na University of British Columbia em duas semanas foi um dos aspectos mais positivos desta experiência. “Consegui me organizar profissionalmente e nem precisei tirar férias”, completa, ao considerar o valor investido neste curso (aproximadamente R\$ 43 mil) totalmente válido. “Hoje, faço MBA em Gestão Empresarial InCompany na FIA-USP e posso dizer que a qualidade dos cursos é muito semelhante”, avalia.

Módulos no exterior – Resultado de uma parceria de 15 anos com a University of Toronto, a Business School São Paulo (BSP) oferece aos interessados o Executive MBA, que, de acordo com Heitor Pentead de Mello Peixoto Filho, diretor-executivo da BSP, já ministrou aulas para mais de 70 turmas. “Isso significa que mais de mil pessoas já cursaram um dos módulos obrigatórios do curso em Toronto”, completa. Além do Executive MBA, a instituição oferece módulos internacionais em 17 países, como China, Espanha, Estados Unidos e Chile. Conhecido como Global Programs, o curso – com duração de uma semana – oferece especialização em economia, empreendedorismo, marketing, finanças e gestão de pessoas, entre outras.

Além da University of Toronto, a parceria da BSP com instituições canadenses resultou, em 2007, no Classic MBA, realizado na Saint Mary's University, de Nova Scotia, e no International MBA, com módulo de sete dias na University of Victoria. “A partir da experiência com universidades parceiras, decidimos que este ano a escolha dos módulos no exterior ocorrerá no fim do curso. Portanto, as primeiras turmas serão conhecidas no início de 2009”, diz Peixoto.

O alto nível acadêmico das instituições, a receptividade e o perfil multicultural da população e os custos acessíveis foram alguns dos diferenciais, segundo o diretor, que motivaram as parcerias da BSP com o Canadá. Atualmente, a mão inversa também faz parte da realidade.

Universidades canadenses:
qualidade acadêmica aumenta
interesse pelos cursos superiores



ZECA MENESES

Ligia, da FGV: “As boas relações comerciais entre Brasil e Canadá contribuem para as parcerias entre instituições de ensino”

“Hoje, existem 350 alunos estrangeiros estudando na BSP. As parcerias mais fortes nesse sentido são com a University of Iowa (Estados Unidos), Lake Forest Graduate School of Management (Estados Unidos), Suffolk University (Estados Unidos), Saint Gallen University (Suíça) e a University of Toronto. Neste ano, recebemos, pela primeira vez, estudantes da University of Pretoria, da África do Sul”, acrescenta.

Associar-se a universidades internacionais, na opinião de Peixoto, é um trunfo para quem pretende obter destaque em um mercado competitivo, sem deixar de considerar as variações da moeda brasileira um desafio na viabilização das parcerias. “Em 2001, o custo do módulo internacional do nosso Executive MBA na University of Toronto praticamente triplicou, em razão da desvalorização do Real”, exemplifica.

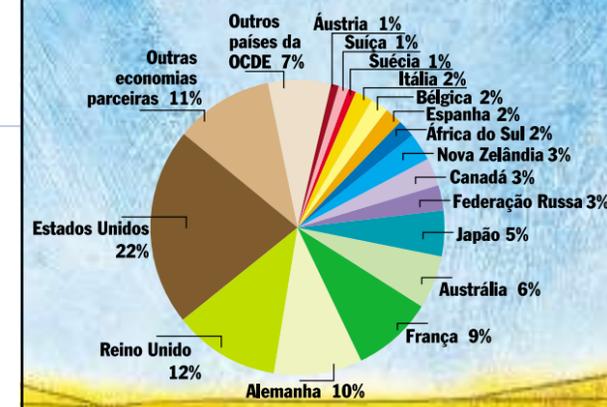
Parceira de oito instituições de ensino canadenses, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) mantém – com quatro delas – o Partnership in International Management (PIM), um consórcio internacional formado por 52 escolas líderes no segmento de ensino de administração de empresas.

Ligia Maura Costa, professora e coordenadora de relações internacionais da FGV, conta que hoje a fundação é a única escola brasileira que integra a Community of European Management Schools, permitindo que os alunos do mestrado tenham duplo diploma no Brasil e na Europa. “Além disso, oferecemos a oportunidade de duplo diploma para cursos de doutorado na Espanha, para mestrado profissional de Administração na França, na Argentina, nos Estados Unidos e em Portugal, além de Master of Science na Itália e em Portugal”, acrescenta.

Em relação ao Canadá, Ligia considera o país importante para quem busca especializar-se em universidades renomadas e com alta qualidade de ensino. Essas são algumas das razões que resultaram na parceria da FGV com a McGill University e a HEC Montreal, ambas de Quebec. “O Canadá também oferece diversidade cultural e dois idiomas oficiais. Além disso, as relações comerciais do país com o Brasil voltaram a crescer, contribuindo para a divulgação dos cursos”, justifica.

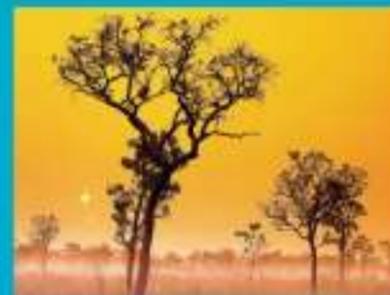
Expansão internacional

Porcentagem de estudantes estrangeiros de educação superior (graduação e especialização) matriculados nos países de destino



Fonte: OCDE e Unesco – Panorama da Educação 2007

Em busca de um destino diferente, Vitor Knop há oito anos escolheu a província da Colúmbia Britânica para aprimorar o idioma inglês. A admiração pelo país fez com que optasse por um dos cursos de especialização da McGill University oferecidos pela FGV. “Cerca de 40% dos alunos da instituição são de outros países, sendo uma excelente oportunidade para *networking*. Aproveitei o período em que permaneci no local para desenvolver estudos sobre empresas de serviços profissionais, tema da minha tese de mestrado”, completa.



ISUZU
imagens

Sua imagem está aqui

www.tipsimages.com

www.tipsfilm.com

isuzu@isuzuimagens.com.br

Fone: (11) 5081 4592

LICENÇA EXCLUSIVA
DA TIPS IMAGES

tips
imagens

educação |

Também parceira da McGill University, a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) atualmente mantém um programa de verão para alunos de graduação e de MBA com a instituição canadense. “Nossa parceria com o Canadá existe há 11 anos. Contabilizando, este é oitavo ano em que fui ao país com nossos alunos, uma turma formada por 11 estudantes de diversos cursos”, diz Ilan Avshir, coordenador de intercâmbios da ESPM.

Esta recente viagem resultou nos cursos *Marcas Globais* e *Gestão Multicultural*, com duas semanas de duração em território canadense. A finalização ocorreu no Brasil, onde foi a vez de os canadenses embarcarem rumo ao país para aprender mais sobre os assuntos sob o contexto brasileiro e latino-americano. Nos cálculos do coordenador, cerca de 200 canadenses e 150 brasileiros já participaram dos programas promovidos pela parceria entre as instituições. A partir de sua experiência, ele destaca que agora a tendência em educação é a da internacionalização do campus. “Tivemos há pouco tempo na ESPM a presença do professor Sérgio Carvalho, da Universidade de Winnipeg, que ministrou um curso sobre a relação marca-país”, diz Avshir.



Renée, da PUC-SP: “Ensino superior brasileiro conquista maior reconhecimento internacional”

ZECA MENESES

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) também vislumbra o mesmo horizonte. “É como se estivéssemos retornando ao passado, já que antigamente as universidades tinham esta característica importante”, considera Renée Zicman, coordenadora da assessoria de relações institucionais e internacionais da PUC-SP, ao destacar o reconhecimento do ensino superior no Brasil pelas instituições estrangeiras, sem se esquecer dos desafios que antecedem essa evolução globalizada. “Em 1996, o número de alunos matriculados em cursos superiores no Brasil, com idade entre 18 a 24 anos, era equivalente a 1,6 milhão, passando para 5,8 milhões em 2006, um indicador de que o país ultrapassou a taxa de escolaridade de 10%. Em outros países, a taxa de escolaridade é de 50% a 60%, bastante significativa”, avalia.

Diretora do Centro de Educação Canadense (CEC), Fernanda Purchio destaca que, desde 2005, a procura por cursos de especialização tem aumentado. “Em 2006, 13% das pessoas que procuraram o CEC estavam interessadas nos cursos de pós-graduação. Em 2007, esse número aumentou para 20%”, acrescenta.

Não há dúvida de que a parceria entre universidades internacionais é uma relação que a cada ano ganha proporção. Mas, no Brasil, o número de agências de intercâmbio revela que a preferência dos estudantes é pelos cursos de idiomas e de curta duração no exterior. Claudia Martins, gerente de marketing da Student Travel Bureau (STB), explica que o brasileiro ainda está adquirindo fluência no idioma inglês. “Nesse quesito, o Canadá encontra-se na posição de terceiro destino mais procurado, correspondendo a 25% das vendas da STB”, diz. A gerente, no entanto, não descarta a oportunidade de intensificar as parcerias com universidades canadenses para cursos de graduação e pós-graduação. “Essa é uma demanda crescente”, conclui. 🍁



Eduardo Pocetti

Economia forte = investment grade

Apesar de toda a crise financeira internacional, o Brasil encontra-se bastante fortalecido depois da conquista do selo de grau de investimento, concedido agências Standard & Poor's, Fitch Ratings e pela canadense DBRS. Os problemas internos dos Estados Unidos vêm abrindo espaço para que os países emergentes consigam absorver uma parte da fatia dos investimentos mundiais. O Brasil cresceu 5,4% em 2007, de acordo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os números do crescimento do PIB ficaram acima da previsão inicial, que era de crescimento de 5%.

O dólar continua caindo e deve cair ainda mais, segundo analistas econômicos. Essa tendência de baixa da moeda norte-americana dificilmente será contida pelo Banco Central, que poderá apenas controlar a velocidade da queda entrando com um leilão de compra de dólares. Esse sintoma afeta as exportações, mas não é prejudicial à economia brasileira. O dólar mais barato aumenta a competitividade da indústria nacional, que poderá investir em máquinas e equipamentos.

Em linhas gerais, a economia brasileira vai muito bem, a começar pelo controle da inflação, que, apesar de estar um pouco acima dos índices de 2007, ainda está abaixo da meta dos 4,5% estabelecida para este ano. O controle inflacionário é reflexo direto da política adotada na redução da taxa básica de juros definida pelo Comitê de Política Monetária (Copom), que hoje está em 11,25% ao ano.

Por conta das sucessivas quedas da taxa básica de juros estabelecida pelo Copom, o IBGE mostrou que as famílias estão consumindo mais – uma alta de 6,5%, favorecida pelo aumento de 3,6% nos salários dos trabalhadores.

Para este ano, o quadro geral é favorável ao crescimento econômico, com aumento do poder aquisitivo; crescimento do número de aberturas de capitais; aumento da arrecadação tributária por conta do cerco fiscal às

irregularidades e informalidades; implantação da nova legislação contábil; fusões de grandes empresas, como Bovespa e BMEF, entre outros. Aliás, a previsão da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid) é a de que o ritmo de fusões e aquisições continue crescendo, ao atribuir essa alta ao grande número de ofertas públicas iniciais (IPOs) em 2007, quando as empresas captaram investimentos, e à atual busca de expansão, comprando ou unindo-se a outras corporações.

Outra expectativa do mercado de capitais para 2008 é a do crescimento do chamado *middle market*. No ano passado,

a Bovespa bateu seu recorde, com mais de 60 empresas entrando no Novo Mercado com oferta de ações. Para este ano, as previsões estão voltadas para o segmento das pequenas e médias empresas, haja vista que o primeiro IPO de 2008 foi da Nutriplant, listada no segmento de balcão Bovespa Mais, assessorada pela BDO Trevisan.

O início deste ano está favorável para os negócios no Brasil, colocando o país em destaque no mercado internacional. Com isso, mais organizações deverão abrir o capital.

Essa nova geração de companhias terá níveis superiores de governança corporativa.

Destaco, também, a aprovação da nova legislação contábil (Lei nº 11.638), que alterou as normas de contabilidade do país, adequando-as aos padrões internacionais International Financial Reporting Standards (IFRS). Seus reflexos positivos não se limitam ao impacto favorável na atração de investimentos. Com padrões universalmente conhecidos, com mais auditoria e melhor divulgação das informações, facilita-se a análise de crédito, reduz-se o *spread* bancário e os juros para o capital produtivo, entre outras coisas. Estamos no caminho. 🍀

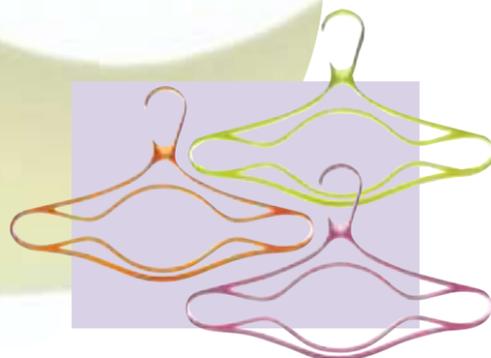


Eduardo Pocetti é CEO da BDO Trevisan e diretor de assuntos internos do Instituto dos Auditores Independentes do Brasil (Ibracon).

A arte da INOVAÇÃO

Ousado e irreverente, o design canadense desponta mundialmente com criações que reforçam o talento e a criatividade do país no desenvolvimento de objetos diferenciados e variados equipamentos

Claudia Rondon



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Tão conhecida quanto o talento de transformar criatividade em descobertas científicas e em tecnologias revolucionárias é a capacidade canadense de unir arte e inovação para criar produtos diferenciados e funcionais. Em uma rápida consulta sobre a história do design do país, é fácil encontrar grandes nomes, como o do pioneiro Fred Moffatt, então funcionário da General Electric, que, em 1940, desenvolveu a chaleira elétrica econômica K42 e foi responsável pela concepção do cortador de grama eletrônico. Foi no Canadá, também, que surgiu a primeira cadeira de plástico moldada, em 1946.

Hoje, produtos com assinatura canadense ganham o mundo, representados por equipamentos como o BlackBerry, desenvolvido pela Research In Motion (RIM). No design de móveis, de peças de decoração e de objetos, destaca-se a figura de Karim Rashid. Conhecido por seu minimalismo sensual, pela utilização de motivos curvilíneos e pela emblemática lixeira Garbo – desenhada para a Umbra, que vendeu sete milhões de unidades do produto –, o desenhista industrial, nascido no Cairo e criado no Canadá, adquiriu parte de seu talento no período em que estudou com Ettore Sottsass, lendário pela participação no projeto da máquina de escrever Olivetti Praxis 48.

No Brasil, Rashid é sinônimo de glamour, sendo conhecido pela criação do modelo *Melissa by Rosa Chá* para a Grendene. Em sua mais recente passagem pelo país, participou da comemoração de um ano de lançamento da *Veuve Clicquot Rosé*, ocasião em que criou a *Clicquot Loveseat*, uma releitura da tradicional namoradeira Luís XV. “Vivemos em um período eclético, no qual todos os estilos podem coexistir simultaneamente”, explica. O renome internacional do designer reforça o perfil inovador do Canadá, justificando os motivos que levaram Toronto a ser incluída no ranking das cidades mais criativas do planeta – no livro *The rise of creative class*, do pesquisador canadense Richard Florida –, despontando nos quesitos tecnologia, talento e tolerância. Na edição de outubro de 2007, a revista americana *BusinessWeek* também classificou a George Brown College como uma das 60 maiores e melhores instituições de ensino da área.

“Inovar é dar início a uma nova idéia ou a um método, sendo também um recurso que promove melhorias em um processo já existente. Essa definição possibilita afirmar que o Canadá está à frente em desenvolvimento e em criatividade”, justifica Alice Lee, diretora da Association of Canadian Industrial Designers (ACID), entidade fundada há 60 anos com o objetivo de representar interesses corporativos, de membros do governo e de outras associações de design, como o International Council of Societies of Industrial Design (ICSID).

Lixeira Garbo, de Karim Rashid: sucesso mundial do designer, assim como as peças das imagens ao lado

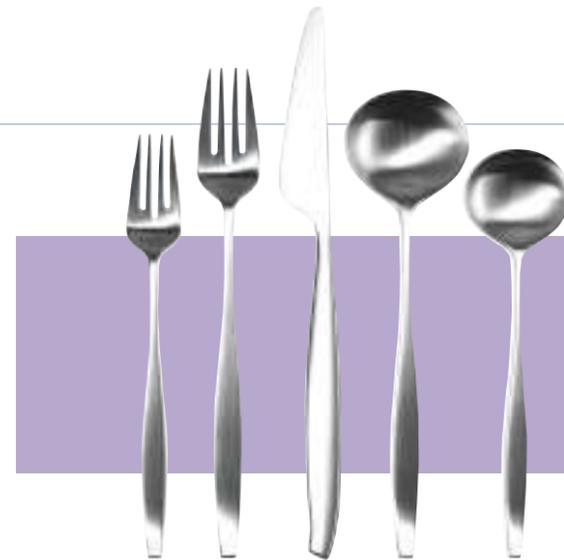
Senso de humor é uma das principais características das criações dos designers canadenses

Ousado e irreverente são as palavras que os profissionais canadenses usam para definir o design proveniente do seu país. O senso de humor é outra característica citada por Matthew Kroeker e Helen Kerr, além de Ronald Kapaz, único brasileiro a participar da *Graphic Design Canada (Graphex)*, bienal de design gráfico e comunicação visual promovida no Canadá desde 1977. “Fiquei maravilhado com a maturidade profissional dos canadenses no que se refere a design gráfico. Existe um humor curioso e muita elegância em cada criação, características quase que não encontradas nos trabalhos americanos”, considera Kapaz, convidado a participar como jurado da edição 2008 do evento, que elegeu os estúdios Paprika, Orangetango e Identica – da província de Quebec – os vencedores.

Utensílios domésticos – Elegância, aliás, é a marca de Helen Kerr, presidente da Kerr & Co., empresa conhecida, principalmente, pelos inovadores utensílios domésticos e pela cadeira hospitalar Sittris Series, que, além de moderna, é feita com material antibacteriano. Para explicar o humor do design canadense, Helen busca referência em ícones nacionais, como o vasto território do país e a habilidade da população de superar longos períodos de inverno. “Essa sazonalidade provoca um senso de humor mordaz, que se reflete muito no nosso trabalho. Somos uma nação multicultural, tanto historicamente quanto do ponto de vista global. Por isso, estamos acostumados a viver com ambigüidade, o que resulta em respeito ao nosso padrão de design”, explica.

Na visão de Kapaz, participar da *Graphex* permitiu comprovar que, mais do que uma ferramenta de identidade de marca, o design significa o perfeito equilíbrio entre arte e ciência. “O design é quase sempre considerado sinônimo de inovação. Mas não podemos desconsiderar seu valor comercial. Além da estética, os trabalhos mais bem votados no evento apresentaram uma relação integrada com a cultura dos negócios que representam”, completa.

Aliado a esse conceito, Kroeker – designer independente, eleito pela *Interior Design Show* como um dos dez mais inovadores do Canadá – destaca que arte e negócios podem viver em perfeita harmonia. “Basta pesquisar os recentes resultados da *Art Basel Design Miami Beach*, que revela o “móvel-arte” como um estilo extremamente lucrativo. O que falta ainda aos designers é reconhecer a necessidade do consumidor final, pois ele é quem utilizará seu produto”, completa, ao destacar que esse pensamento acaba limitando o conceito de design à forma de expressão pessoal. “Às vezes, sigo essa linha intencionalmente nas minhas criações. Mas o profissional que optar por correr esse risco precisará ter em mente que poderá enfrentar uma queda nas vendas de seus produtos”, acrescenta.



Helen Kerr: elegância destaca o design de objetos, como a cadeira Sittris Series (página ao lado)

A disponibilidade de materiais brutos – como madeiras e metais – também caracteriza o trabalho dos desenhistas industriais do país. Segundo Helen Kerr, o design sofisticado está se movimentando em direção contrária à dos estereótipos, marcado por uma abordagem inovadora, integrada à sustentabilidade e à compreensão das necessidades das pessoas em um mundo que passa por constantes e sérias mudanças. “O que há de mais maravilhoso em design é construir algo que seja tão bonito a ponto de se poder admirar e venerar, mas ao mesmo tempo tenha sido tão bem pensado que todo mundo pode ter”, completa.

Hoje, é possível encontrar os resultados desse movimento em produtos que vão desde móveis até baterias de celulares recarregáveis com energia solar. O que, para Helen, aponta para uma tentativa de os designers resolverem, além de problemas estéticos ou utilitários, questões mais amplas, como o bem-estar do próprio planeta. Ainda há, entretanto, muito trabalho até que sustentabilidade deixe de ser apenas uma palavra da moda e se estabeleça genuinamente como prioridade na vida das pessoas. “Todo mundo está pensando no assunto, mas poucas empresas implementam mudanças profundas na maneira pela qual criam e entregam tanto produtos quanto serviços. Isso requer enorme disciplina, pois exige que seja investigado o ciclo de vida completo daquilo que você está oferecendo”, observa. “Mas o impacto vale de fato a pena. É possível encontrar meios de trabalhar com materiais sustentáveis e ter retorno financeiro”.

Na opinião de Kroeker, sustentabilidade e consciência ecológica estão na ordem do dia. Mas a tendência é a de que, no futuro, “ser mais verde” deixe de ser um diferencial e passe a algo comum, obrigatório e esperado. “Falar sobre o assunto é barato. Implementar

um design sustentável em termos de material e processo de manufatura é caro e pouco prático. É óbvio que os designers têm de tentar fazer de tudo para encorajar seus fabricantes e parceiros. Mas não é assim tão simples”, argumenta.

Por estarem muito próximos dos Estados Unidos, os canadenses tendem a se voltar para fora de suas próprias fronteiras. Isso não apenas amplia seu campo de visão e de criação como aumenta a possibilidade de desenvolver-se parcerias com outros países. Segundo Alice Lee, uma das grandes missões da ACID é a de aumentar o conhecimento, a habilidade e a proficiência dos desenhistas industriais com o intuito de ampliar o contato direto com profissionais ou entidades representativas do setor no Canadá e no exterior.

Rivais econômicos – O grande potencial de países asiáticos e latino-americanos é o assunto que primeiro emerge quando Alice comenta sobre possíveis rivais econômicos do Canadá no segmento de design. Para ela, essas nações tornam-se fortes concorrentes na medida em que deixam de ser meros centros de manufaturas e se transformam em vorazes centros de produção. “É extremamente importante tanto para o Canadá quanto para o Brasil estreitar ainda mais os laços comerciais existentes. No que se refere ao design, a contribuição seria a promoção de mais exposições relacionadas ao tema nos dois países”, explica.

“Somos voltados para o que ocorre nos Estados Unidos e na Europa. Sabemos muito mais sobre o Japão, por exemplo, do que sobre o Canadá”, complementa Ronald Kapaz.

Ele acrescenta que para o Brasil o maior desafio ainda está relacionado à identidade de marca e expressão corporativa, enquanto para os canadenses corresponde à sua identidade como nação. “O dilema decorrente da globalização é um típico problema de design que nos faz pensar sobre qual é a assinatura de um país”, analisa.



Karim Rashid: seu nome, no Brasil, é sinônimo de glamour



Suzana Sacchi Padovano – designer industrial brasileira, com mestrado na Rhode Island School of Design, mesma instituição onde Karim Rashid lecionou por dez anos – tem opinião semelhante. “O design industrial, de interiores ou gráfico do Canadá não é divulgado no Brasil, seja em revistas nacionais ou mesmo nas especializadas internacionais mais lidas por aqui. Para nós, o ranking mundial considera apenas o design italiano, inglês, holandês, japonês, francês, americano e dinamarquês”, explica.

Ao realizar uma simples busca na internet, entretanto, a realidade que se encontra é outra. Prova disso é o fato de a associação de designers gráficos do Brasil – que dialoga indiretamente com a de interiores e a industrial – ter apenas 14 anos, enquanto a associação com finalidade semelhante no Canadá tem 51 anos. Dado que, segundo Kapaz, comprova a maturidade do design canadense, mesmo que aos olhos de muitos isso ainda passe despercebido.

Mosaico cultural – De acordo com Suzana, o design canadense não recebe reconhecimento internacional por falta de divulgação. “Um exemplo bem-sucedido de marketing é o do realizado pelos italianos. Observamos muitas vezes trabalhos sem grandes diferenciais, mas sua apresentação é tão espetacular que a mídia acaba por transformá-los em mito. Não existe uma única publicação que aborde o tema que não traga alguma referência a este estilo”, avalia.

Como toda forma de arte, a designer acredita que os profissionais devem desenvolver um trabalho particular de captação da cultura local, mas ao mesmo tempo também oferecer um mix global, para que o produto seja aceito mercadologicamente.

“Essa é uma tarefa desafiadora, pois exige habilidade para buscar aceitação por parte dos empresários e, também, muita sensibilidade e flexibilidade dos designers. É um resgate obrigatório para que se possam manter vivas as culturas específicas de cada país”, justifica.

Helen Kerr reconhece a necessidade de atingir o mercado mundial, destacando que hoje talentos da China, da Índia e do Brasil competem com italianos e canadenses para trabalhar em empresas do setor em diferentes países. E vê com bons olhos essa diversidade que pode ser tanto unificadora quanto lucrativa. “As idéias que fluem ultrapassando fronteiras nacionais criam novos mercados e melhoram nosso bem-estar coletivo”, completa.

Cadeiras e mesa (pág. ao lado) de Kroeker: “Arte e negócios podem viver em harmonia”



FOTOS: DIVULGAÇÃO

“Exagero calado” é a expressão usada por Scot Laughton para definir a divulgação do design do Canadá. O desenhista industrial foi considerado pela *Times Magazine* um dos dez melhores profissionais de sua área em 1987 e nomeado designer do ano pela *Interior Design Show*, em 2003, conforme cita Sam Carter. Além de desenhista, Carter é artista, educador e tem uma extensa história em explorar tanto o espírito do design quanto da cultura canadense. Na década de 1960, como desenhista-sênior do Hall of Life do centro de ciência de Ontário (Toronto), reconstruiu o Banting and Best (Noble Prize Recipients) – laboratório onde foi descoberta a insulina – e criou exposições cujo tema central eram as contribuições de seu país para o setor de ciência e tecnologia.

Segundo ele, o Canadá vive hoje no futuro, revelando uma história multicultural e sustentável do ponto de vista global. Por ser uma nação relativamente jovem

que aprendeu muito pela influência de diversos lugares, toda essa diversidade se reflete na qualidade única de seu design. Elementos como a vastidão geográfica, étnico-cultural, perspectivas globais com constantes referências a sustentabilidade cultural e ambiental influenciam o estilo canadense.

“Não é à toa que conceitos como esse estão arraigados, inclusive, em famoso termo utilizado pelo então primeiro-ministro canadense Pierre Elliot Trudeau, ‘mosaico cultural’,” relembra Carter, ao relacionar a imagem do design do país a “produtos artesanais de alto nível”. O olhar canadense, de acordo com o estudioso, tem sido explorado em várias exposições e conferências sobre o assunto, sendo tema de um curso on-line desenvolvido pelo Emily Carr Institute, chamado *Design canadense e artesanato, história e arte*. 🍁

REVISTA
BRASIL
CANADÁ

Reserve já o seu espaço!

Em agosto, a Brasil-Canadá terá um especial sobre um dos setores que mais crescem no país – o de mineração, com destaque para:

- Os investimentos das empresas canadenses no país
- As parcerias entre mineradoras do Canadá e do Brasil
- As tecnologias canadenses aplicadas em território nacional
- Preservação ambiental e desenvolvimento sustentável
- Um panorama do setor no Canadá



Anuncie

Tel. (55 11) 3898-0195
comercial@conteudoeditora.com.br

www.conteudoeditora.com.br



Ely Couto



Trajetória pioneira

O BMO Capital Markets ampliou sua presença no cenário econômico brasileiro ao participar da maior colocação de *private equity* para o setor privado na América do Sul. Avaliada em US\$ 1,2 bilhão, a operação corresponde à recém-criada OGX Petróleo e Gás – empresa de óleo e gás pertencente ao empresário Eike Batista, também proprietário da TVX Mining e da gigante MMX Mineração & Metálicos. Esta operação, aliada ao anúncio de investimentos *offshore* de US\$ 800 milhões, causou grande repercussão no último leilão de propriedades de petróleo. Com isso, a companhia transformou-se, automaticamente, na segunda maior exploradora de petróleo do Brasil, ficando atrás, somente, da Petrobras.

Atuando, neste caso, como *joint bookrunner*, o BMO responsabilizou-se por encontrar potenciais investidores, o que inclui uma ordem de US\$ 425 milhões do fundo de pensão canadense Ontario Teachers' Pension Plan, do fundo de hedge da Clarium e da Ziff Brothers, de Nova York. Na ocasião, Eike Batista – que é cliente da BMO Capital Markets desde 1982 – afirmou que esperava aumentar os lucros em US\$ 2 bilhões com a venda de aproximadamente 12% da OGX em 2008, um negócio que valorizaria a empresa em cerca de US\$ 13 bilhões.

Posicionado entre os principais prestadores de serviços financeiros da América do Norte, o BMO Capital Markets é um dos braços de atuação mundial do Bank of Montreal Financial Group, que atualmente emprega 35 mil funcionários e registra cerca de US\$ 329 bilhões em ativos totais. A experiência obtida no Brasil nos últimos 30 anos refere-se, principalmente, ao financiamento de operações de comércio exterior a bancos correspondentes, a produtos de tesouraria, a assessoria de fusões e aquisições e a operações de derivativos.

O BMO Capital Markets fornece todos os recursos necessários para criar soluções personalizadas em operações de *trade finance*, incluindo emissão, confirmação, desconto e refinanciamento de cartas de crédito, cobranças e

financiamento de operações de exportação e importação.

O Bank of Montreal tem uma longa trajetória no Canadá. Pioneiro, abriu suas portas em 1817, sendo o primeiro a fornecer a moeda canadense. Contribuiu para o desenvolvimento do país ao financiar parte da estrada de ferro transcontinental, no período de 1880, além de participar da criação da Canadian Confederation, em 1867, e de ser o Banco Central do Canadá até 1935. Também foi o primeiro a abrir filiais no exterior, atuando em mercados da Europa, da América Latina, do Leste Asiático e dos Estados Unidos.

Moeda local – Realizando negócios com a China desde 1982, o BMO Capital Markets expandiu suas relações com o país ao reforçar sua rede de contatos com agências reguladoras do governo chinês e instituições financeiras, por meio de agências instaladas em Beijing, em Guangzhou, em Hong Kong e, brevemente, em Shanghai. Os esforços de ampliação garantiram a oferta de uma grande variedade de serviços, com destaque para a abertura de contas e os serviços operacionais, assim como a assessoria no mercado de capitais, de derivativos, de câmbio, de empréstimos, inclusive na moeda local, de fusões e aquisições, securitizações e financiamento de comércio exterior.

Reforçando seu pioneirismo, o BMO Capital Markets foi o primeiro banco canadense a negociar instrumentos derivativos na China; a obter permissão de investir em uma companhia de fundo mútuo chinês; a destinar recursos à primeira e à segunda oferta ABS do país; a atuar como gerente secundário da oferta pública inicial de US\$ 1,2 bilhão do Bank of China, além de ser a única instituição canadense eleita *market maker* para a negociação de moedas estrangeiras na China. 🍁

Ely Couto é diretora IFI & representante-sênior do BMO Capital Markets no Brasil